

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS

CARMEN LYSIA QUINTINO NOGUEIRA

**HUMOR E IRONIA: UM ESTUDO SOBRE OS
MOVIMENTOS ORIGINADOS NO BAR DO ARMANDO**

MANAUS-AM

2018

CARMEN LYSIA QUINTINO NOGUEIRA

**HUMOR E IRONIA: UM ESTUDO SOBRE OS
MOVIMENTOS ORIGINADOS NO BAR DO ARMANDO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Jorge Tupinambá do Valle

MANAUS-AM

2018

Catálogo na fonte
Elaboração: Ana Castelo CRB11ª -314

N778h Nogueira, Carmen
Humor e Ironia: um estudo sobre os movimentos originados no Bar do Armando / Carmen Nogueira. – Manaus: UEA, 2018.
102fls. il.: 30cm.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, da Universidade do Estado do Amazonas, para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Jorge Tupinambá do Valle

1. Bar do Armando 2. Ironia 3. Humor. I. Orientador: Prof. Dr. Geraldo Jorge Tupinambá do Valle. II. Título.

CDU 640.443

CARMEN LYSIA QUINTINO NOGUEIRA

**HUMOR E IRONIA: UM ESTUDO SOBRE OS
MOVIMENTOS ORIGINADOS NO BAR DO ARMANDO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Aprovado em: Manaus/Am. ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Geraldo Jorge Tupinambá do Valle
(Orientador / Presidente da Banca/ Universidade do Estado do Amazonas)

Professora Doutora Tatiana de Lima Pedrosa Santos
Membro Docente PPGICH – UEA

Professor Doutor Wilson de Souza Nogueira
Membro Externo/ Convidado/ UFAM

Professor Doutor Otoni Moreira de Mesquita
Suplente – Membro Externo - UFF

Professor Doutor Rafael Ale Rocha
Suplente – Membro Docente PPGICH-UEA

EPÍGRAFE

*...Deus dá o riso
A quem não tem dentes
(o riso & e não o ciso)
& riste
De quê, Manaus?*

(Aldísio Filgueiras)

DEDICATÓRIA

Ao eterno Armando Dias Soares, pelo riso, como herança.

AGRADECIMENTOS

Às vibrações positivas do universo traduzidas em uma risada.

A todos que responderam com bom humor às minhas inquietações: pais, tia, filho e irmãos.

Ao meu amor, cúmplice e companheiro de bares e da minha vida, Vitor.

À paciência e orientação do professor doutor Geraldo Jorge Tupinambá do Valle.

Aos professores do PPGICH e, em especial, ao coordenador do Programa, Professor Doutor Otávio Rios Portela.

À Ana Claudia Soeiro, sempre gentil e generosa ao abrir seu Bar para nossa pesquisa.

Aos antigos, atuais e eventuais frequentadores do Bar do Armando e suas contribuições para a história da cidade de Manaus.

Ao poeta Simão Pessoa, pela confiança ao disponibilizar os arquivos e documentos imprescindíveis para a realização deste trabalho.

Aos amigos queridos da Confraria, por compreender minha ausência nos encontros étlicos e “gargalhosos”.

Aos colegas do Manaustrans Marcelo, Minuza, Hanara, Alcy, Karina e Iris, pela torcida diária; ao procurador Eudes Albuquerque e ao diretor presidente Franklin Pinto, pela compreensão e pelo apoio.

A todos que acreditaram na minha capacidade de cumprir esta jornada acadêmica.

RESUMO

O Bar do Armando, situado no centro histórico de Manaus, ganhou fama a partir do final da década de 70 quando passou a reunir pessoas que transformaram o lugar em berço de movimentos que analisaram de forma crítica e bem humorada a sociedade amazonense. A irreverência era a marca do grupo de frequentadores assíduos que selaram uma convivência que se estendeu até a primeira década do ano 2000. Entre uma cerveja e outra, decidiam as pautas para o tabloide “O Candiru – O Jornal de maior penetração do Amazonas” e discutiam quem seria o próximo alvo das letras irônicas e bem-humoradas da Banda Independente da Confraria do Armando – BICA. Outro movimento, o “Coletivo Gens da Selva”, também nasceu nesse “pedaço” (Magnani, 2012, p.88), com o propósito de revelar valores culturais na música e na literatura amazonense. Para guiar nossas análises, recorreremos às orientações linguísticas e filosóficas de Possenti (2000, 2009). A tese de Gruda (2015) sobre o humor politicamente incorreto e o estudo de Freud (1905) sobre os chistes contribuíram também nos percursos deste trabalho. O recorte histórico desta análise tem início em 1978, período em que a mercearia Nossa Senhora de Nazaré se transformou no bar fundado pelo português Armando Dias Soares. Nossa pesquisa se estende até 2018 e insere informações atualizadas sobre o Bar e seu contexto no histórico Largo de São Sebastião. Relatamos ainda os desafios da atual administradora, Ana Claudia Soeiro, filha do Armando, diante das situações que ameaçam o funcionamento do Bar e apontam instabilidades que em nada se comparam aos momentos gloriosos do “Armando”. Não tivemos a intenção de apresentar um estudo rigoroso do humor à luz da análise do discurso, da psicanálise ou aprofundar os efeitos e sentidos produzidos pela linguagem. Acreditamos que “explicar a piada faz com que ela perca a graça” (Gruda. 2015, p.14) , mas os pressupostos teóricos que buscamos nos conduzem à conclusão de que o conteúdo humorístico produzido pelos movimentos originados no Bar do Armando revela-se como um fértil tema transversal que contribui para a reflexão crítica dos fatos políticos e sociais de Manaus e do Amazonas.

PALAVRAS-CHAVES: BAR. ARMANDO. IRONIA. HUMOR.

ABSTRATC

Armando's Bar, located in the historic center of Manaus, gained fame in the late 1970s when it came to gather people who turned the place into a cradle of movements that critically and humorously analyzed Amazonian society. The irreverence was the trademark of the frequent group of regulars that sealed a coexistence that lasted until the first decade of the year 2000. Between one beer and another, they decided the guidelines for the tabloid "The Candiru - The newspaper of greater penetration of the Amazonas "and discussed who would be the next target of the ironic and humorous lyrics of the Armando Confraria Band Independent - BICA. Another movement, the "Gens da Selva Collective" was also born in this "piece" (Magnani, 2012), with the purpose of revealing cultural values in Amazonian music and literature. To guide our analysis we turn to the linguistic and philosophical orientations of Possenti (2000,2009). Gruda's (2015) thesis on politically incorrect humor and Freud's (1905) study of jokes contributed to the paths of this work. The historical cut of this analysis begins in 1978, when the Nossa Senhora de Nazaré grocery store became the bar founded by the Portuguese Armando Dias Soares. Our research extends until 2018 and inserts updated information about the Bar and its context in the historic Largo de São Sebastião. We also discuss the challenges of the current administrator, Ana Claudia Soeiro, daughter of Armando, in the face of situations that threaten the operation of the Bar and point to instabilities that are nothing compared to the glorious moments of Armando. We did not intend to present a rigorous study of humor in the light of discourse analysis, psychoanalysis, or to delve into the effects and meanings produced by humorous language. We believe that "explaining the joke causes it to lose its grace" (Gruda. 2015, p.14), but the theoretical presuppositions we seek lead us to the conclusion that the humorous content produced by the movements originated in the Bar do Armando reveals itself as a fertile transversal theme that contributes to the understanding of the political and social facts of Manaus and Amazonas.

KEYWORDS: BAR. ARMANDO. IRONY. HUMOR.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Croqui da localização do Bar do Armando, em Manaus.....	11
Figura 2 – Bar High Life	24
Figura 3 – Café dos Terríveis	25
Figura 4 – Chafariz das Quimeras	25
Figura 5 – Manifestação na Praça São Sebastião	27
Figura 6 – Protestos do movimento em favor da meia-passagem	32
Figura 7 – Protestos do movimento em favor da meia-passagem	32
Figura 8 – Vista aérea da Praça São Sebastião.....	34
Figura 9 – Escracho contra a revitalização da Praça São Sebastião.....	36
Figura 10 – Oficina de cartazes	38
Figura 11 – Peça o Mendigo e o cão morto.....	39
Figura 12 – O teto do Bar do Armando.....	40
Figura 13 – Piso do Bar do Armando.....	40
Figura 14 – Fachada do Bar do Armando.....	46
Figura 15 – Revista Veja elege o Bar do Armando.....	48
Figura 16 – Atrações musicais no Bar do Armando.....	48
Figura 17 – Armando Dias Soares	49
Figura 18 – Protesto dos “biqueiros”.....	51
Figura 19 – Armando entre esposa Lourdes e filhas	53
Figura 20 – Armando e esposa Lourdes	54
Figura 21 – Boneco Gigante.....	60
Figura 22 – Seminarista controla acesso de “biqueiros”	61
Figuras 23 – Lançamento do tabloide Candiru.....	62
Figura 24 – Jornal Candiru número 0.....	63
Figura 25 – Capa do segundo número do Candiru	67
Figura 26 – Número 2 do Candiru.....	67
Figura 27 – Número 4 do Candiru.....	68
Figura 28 – Trechos da notícia “caso das fitas”	70
Figura 29 – Integrantes do Coletivo Gens.....	71
Figura 30 – Poema Pós-tudo.....	72
Figura 31 – Poema para o Bar do Armando.....	72
Figura 32 – Anúncio de jornal divulga programação do Coletivo.....	77

Figura 33 – Atração musical no Bar	77
Figura 34 – Livro de Ouro da Bica	78
Figura 35 – Livro de Ouro da Bica.....	78
Figura 36 – Dona Petronília.....	79
Figura 37 – Concentração da Banda da Bica.....	82
Figura 38 – Contracapa do livro Bica do Armando.....	86

SUMÁRIO

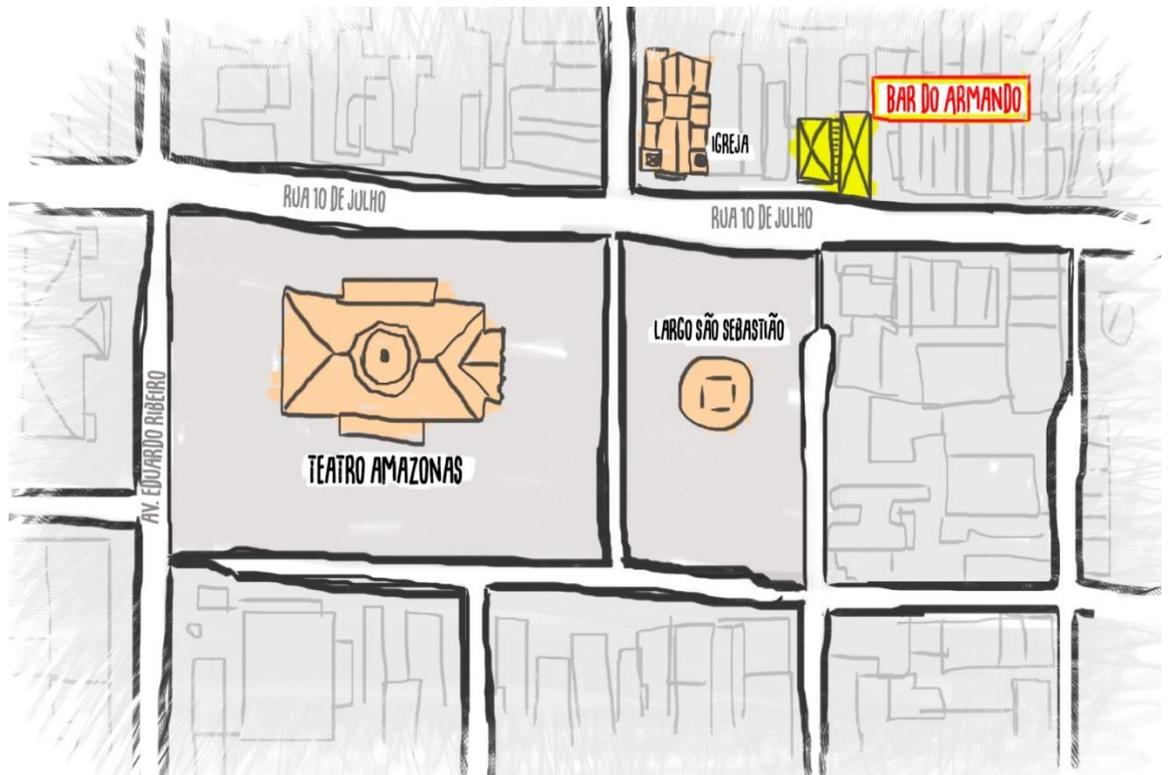
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – “UMA VOLTA NA PRAÇA”	22
CAPÍTULO 2 – O BAR	40
2.1 O bar, hoje.....	45
2.2 Armando.....	49
2.3 Patrimônio.....	54
CAPÍTULO 3 – PESSOAS E MOVIMENTOS	61
CONCLUSÃO	90
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS	98

INTRODUÇÃO

“Explicar a piada faz com que ela perca a graça”, alertou Gruda (2015) quando analisou o discurso do humor politicamente incorreto. No entanto, ao decidir por esta pesquisa sobre os movimentos originados no Bar do Armando, foi inevitável recorrer a estudos fundamentados para compreender e contextualizar o conteúdo irônico produzido por um grupo de frequentadores do estabelecimento nos anos 80, 90 e na primeira década do ano 2000. Aos nossos leitores, antecipamos que não alimentem expectativas de encontrar neste trabalho acadêmico uma análise respaldada em teorias para classificar o material pesquisado, sobretudo porque o humor e suas manifestações estão repletos de contrassensos e indefinições.

O Bar, antes denominado mercearia Nossa Senhora de Nazaré, resiste há 55 anos no casarão construído no início do século XX na Rua Dez de Julho, 593, Largo de São Sebastião, Centro histórico de Manaus.

Figura 1- Localização do Bar do Armando, com destaque para o Largo São Sebastião, Teatro Amazonas e Igreja São Sebastião.



Fonte: Livre representação do Google Maps por Eduardo Nogueira

Buscávamos, inicialmente, desenvolver a pesquisa sobre o Bar do Armando como famoso reduto da boemia amazonense e antigo ponto de lazer de Manaus, resistente à dinâmica da cidade. Nossa intenção era recorrer a diferentes abordagens para verificar situações que vinculavam o Bar às histórias políticas e sociais da capital do Amazonas. Mas no decorrer da pesquisa nossa atenção foi desviada para uma série de manifestações e produtos criados dentro do estabelecimento por um grupo de clientes assíduos que inseriam o humor em música, poesia e reportagens com o objetivo de criticar os poderes vigentes e respectivas autoridades.

Nesta pesquisa, há o predomínio do texto em estilo coloquial e objetivo, inerente ao ofício jornalístico que desenvolvemos no dia a dia. A atividade jornalística, em sua essência, deve contar boas e verdadeiras histórias operando na sequência apurar o fato e divulgar versões. No entanto, reconhecemos os limites dessa operação jornalística para uma pesquisa científica. Assim, os caminhos da interdisciplinaridade nos apontaram outros campos científicos capazes de oferecer diferentes perspectivas ao tema abordado.

A fama do “Armando”¹ começou no final da década de 70 e início dos anos 80 quando o comerciante português Armando Dias Soares, dono da Merceria, recebia um grupo de clientes ávidos em comentar as mudanças políticas daquele período no Brasil, diante do ressurgimento dos movimentos sociais e o anúncio do fim da ditadura. Esse “pedaço” (Magnani, 2012, p.88) do Largo de São Sebastião era o território seguro e livre para a exposição de ideias e de opiniões.

Nessa época, o “Armando” fazia parte do itinerário de muita gente que dava uma volta na Praça São Sebastião antes de finalizar o percurso com a passadinha no Bar: eram pessoas que saíam de seus locais de trabalho; artistas e plateia, após os espetáculos no Teatro Amazonas; fiéis e religiosos, antes ou depois das missas na Igreja de São Sebastião; do político interessado em aferir sua popularidade (ou não) ou daquele que simplesmente frequentava o bar para comer o sanduíche de pernil, o bolinho de bacalhau e tomar uma cerveja gelada.

Na segunda metade dos anos 80 o Bar do Armando fervilhava no final da tarde, noite e madrugada. Era o início de uma sequência de manifestações concebidas no salão do casarão. Naquelas mesas funcionou uma espécie de redação para o irreverente tabloide “O Candiru²- O

¹ As aspas no nome Armando serão utilizadas no desenvolvimento deste trabalho para destacar a referência ao Bar e não ao comerciante Armando Dias Soares, dono do estabelecimento.

² O Candiru (*Vandellia cirrhosa*), também chamado de canero ou peixe-vampiro, é um peixe de água doce que pertence ao grupo comumente chamado de peixe-gato. Ele é encontrado nos rios da bacia amazônica e tem uma reputação entre os nativos de ser o peixe mais temido naquelas águas, até mais que a piranha. O peixe que tem

jornal de maior penetração do Amazonas”); foi escritório do Coletivo Gens da Selva, movimento que promoveu lançamentos de livros e *shows* de artistas locais; e da atividade que até hoje persiste: o carnaval da Banda Independente da Confraria do Armando (BICA).

Diante desse quadro de manifestações, concentramos nossos estudos nos discursos irônicos e do humor que predominaram nas reportagens do tabloide Candiru; analisamos algumas músicas da BICA contextualizadas nas épocas que marcaram as composições e relatamos as atividades do Gens da Selva, desenvolvidas dentro do Bar.

Mesmo que o ofício da pesquisa acadêmica recomende siso e introspecção, admitimos que as conversas em mesa de bar, muitas risadas e relatos nostálgicos, entre uma cerveja e outra, guiaram nossas análises. Para ter acesso às informações, confessamos, adotamos um percurso particular que nos deu muita satisfação e resultou num emaranhado de abordagens teóricas e de interpretações. Iniciamos a pesquisa com visitas ao Bar em busca de relatos no sentido de dar voz aos personagens que contribuíram para a ocorrência dos fatos citados. Pollak (1992, p.8), em seus estudos sobre história oral, alerta sobre a parcialidade e fragilidade em torno do método, uma vez que as fontes podem produzir representações além das reconstituições do real. No entanto, acreditamos que a fonte oral é tão importante quanto a fonte escrita para construção das memórias aqui relatadas.

Apuramos informações em livros publicados sobre o Bar e em jornais que davam destaque às notícias relacionadas ao lugar. Uma das fontes mais proveitosas da nossa pesquisa foi o “Livro de Ouro” da BICA, um caderno de capa dura com “Ata de fundação” da banda de carnaval, em 1987, como primeira inscrição. Além dessa fonte, há uma sequência de recortes de jornais, panfletos, documentos, textos escritos à mão e fotos que registram momentos marcantes do Bar e de seus frequentadores. O material foi emprestado pelo poeta Simão Pessoa, um dos antigos clientes do Bar, numa demonstração de confiança e grande contribuição a este trabalho.

O objetivo da nossa pesquisa é apresentar o pioneirismo do discurso nos movimentos originados no Bar do Armando, revelados por meio de mensagens irônicas, bem-humoradas, com textos que romperam com o formalismo linguístico. Destacamos a relevância dessa análise no sentido de que a produção intelectual com intuito de denúncia contribuiu – e tem colaborado – para oferecer uma perspectiva não convencional sobre a história política do Amazonas relatada por meio do discurso humorístico.

perfil hidrodinâmico de um supositório, ao ser atraído pelo cheiro da urina, pode aprumar suas nadadeiras em direção ao fluxo da urina (no caso do banhista nu) e nadar até penetrar na uretra, no ânus ou na vagina. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Candiru>). Acesso em 15/05/2018.

Humor e ironia, palavras com significados diferentes, mas complementares entre si, são elementos que caracterizam a produção a ser apresentada. Para efeitos de compreensão à nossa pesquisa, utilizaremos o direcionamento de Duarte (1994) que definiu ironia como uma figura de retórica em que se diz o contrário do que se quer dizer. Para Gruda (2015), humor é o tipo de discurso que engloba todos os gêneros, dimensões e mecanismos correlatos a ele – riso, ridículo, ironia, cômico, comédia, sarcasmo, zombaria, piadas, charges. O material produzido pelo grupo de frequentadores do Bar do Armando era uma estratégia eficiente no processo de persuadir o público a entender as denúncias introduzidas no discurso. Percebemos a ironia empregada em textos e em músicas que conduzia a compreensão de outro sentido, além daquele expresso nos textos, aparentemente, despretensiosos. Dessa forma, as articulações políticas que sugeriam falcatruas; suspeitas de conchavos partidários que induziam favorecimento; dúvidas sobre a alardeada integridade de autoridades e acordos costurados em alcova eram divulgados de forma bem-humorada em tabloides ou versos de marchinha de carnaval.

Diante dessas informações, optamos por acompanhar as pesquisas do professor doutor Sirio Possenti, filósofo e professor titular do Departamento de Linguística e do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas (Unicamp), reconhecido na academia por seus estudos linguísticos sobre análise do discurso, em especial, o do humor. Em suas publicações, há o predomínio pelo texto coloquial, sem rebuscamento, marcado por tiradas bem humoradas que transitam por outros campos do conhecimento, além da linguística. Por isso mesmo, não seguiremos à risca, em nossa pesquisa, interpretações dos signos linguísticos apontados pelo autor quando analisou piadas, até porque não pretendemos apresentar um trabalho sobre a Análise do Discurso nem teorizar sobre as estratégias utilizadas pelos frequentadores do Bar para produzir humor.

A perspectiva de Travaglia (1990) também contribuiu neste trabalho acadêmico quando analisou as manifestações de humor associadas ao engajamento político, característica acentuada no material que vamos apresentar:

O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios (TRAVAGLIA, 1990, p. 55).

Nossa opção em conduzir a pesquisa perpassando pelos estudos da linguística não nos impede de buscar outros autores das Ciências Humanas para evidenciar este trabalho como essencialmente interdisciplinar. Portanto, citaremos o psicólogo Mateus Pranzetti Paul Gruda, que abordou o humor politicamente incorreto em sua tese de doutorado. Recorremos, ainda, ao psicanalista Freud em sua obra *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905), quando demonstrou em seus estudos a preferência por discutir a questão do prazer que os chistes provocam. Afinal, o riso não é a confirmação se algo é ou não humorístico, uma vez que o humor não é apreendido da mesma forma por todas as pessoas. Ou seja, nem todo mundo ri das mesmas coisas.

Neste trabalho não temos a pretensão de classificar o tipo de humor produzido no Bar do Armando, pois acreditamos que essa definição impõe limites à capacidade criadora dos emissores. Seria até uma contradição de nossa parte tentar ‘amarrar’ o discurso dos frequentadores em uma determinada teoria, escola filosófica ou linguística, pois a trajetória dos movimentos analisados tem, na essência, a busca pela independência e liberdade de expressão. Além disso, não buscamos explicações sociológicas, psicológicas ou até mesmo linguísticas para explicar, interpretar, enfim, esclarecer o que significam as manifestações irônicas. Queremos, sobretudo, apresentar as informações contidas nos movimentos humorísticos, a fim de revelar o pioneirismo desse tipo de discurso, em Manaus.

Grande parte do material que serviu de inspiração para os frequentadores refere-se aos personagens políticos locais e a fatos sociais relacionados à cidade de Manaus e ao estado do Amazonas. Apresentamos, assim, a reflexão se a circunscrição de informações reduz a compreensão e a abrangência da mensagem produzida. Dessa forma, incluímos o que Gruda *apud* Billig (2005), argumentou sobre o discurso humor:

“o humor é universal e particular, pois é encontrado em todas as sociedades, porém nem todo mundo ri das mesmas coisas; o humor é social e antissocial, por ser gregário quando propõe diversão conjunta, contudo excludente ao zombar de determinados grupos sociais; e o humor é passível de análise e concomitantemente resistente a ser analisado, uma vez que existem diversos trabalhos teóricos que tratam e intentam explicar o humor e, ao mesmo tempo, algumas das explicações não apreendem o fenômeno por sua mutabilidade”.(GRUDA, 2015,p.14)

No que se refere aos movimentos musicais coordenados pelo Coletivo Gens da Selva, responsável pela programação musical do Bar fora do período carnavalesco – *Sextarmando*, *Bregarmando*, *Chorando na Bica* – verificamos o propósito de transformar essa programação em tradição, da maneira como indicaram Hobsbawn e Turner. As tradições são inventadas, repetidas, as pessoas terminam se acostumando e incorporando-as em suas rotinas. Porém,

esta atividade musical que começou em 1987 foi encerrada na primeira metade do ano 2000. Neste trabalho faremos um breve histórico sobre esse movimento e os produtos gerados pelo mesmo grupo envolvido nas atividades pesquisadas.

O recorte histórico deste trabalho acadêmico tem início em 1978, período em que a Merceria Nossa Senhora de Nazaré deixa de vender feijão, arroz, farinha e passa a ser terreno fértil para atitudes de uma clientela ansiosa em dar visibilidade à crítica dos poderes constituídos. Nossa observação se estende até 2018, ano de desafios para a administradora Ana Claudia Soeiro, filha do Armando, que assumiu o comando do Bar após o falecimento do comerciante, em 2012. A herdeira ainda enfrenta um embate jurídico com a Igreja Católica, dona do imóvel, que reivindica o fim do contrato de aluguel celebrado há 55 anos. São situações de instabilidade que traçam um quadro bem distante dos momentos gloriosos do “Armando”. Só mesmo esse período de instabilidade para tirar a graça dos que acompanham o empreendimento desde sua fundação até os momentos atuais.

Atualmente o Bar do Armando é indicado por publicações de turismo como reduto da boemia manauara e ponto de lazer com localização privilegiada. O antigo casarão está integrado ao Largo de São Sebastião, área tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 2012, pois compõe o conjunto arquitetônico das edificações construídas no período da Belle Époque, Centro histórico de Manaus. À direita do bar, está o Teatro Amazonas e a Igreja São Sebastião. Em frente, a Praça São Sebastião com o monumento de Abertura dos Portos. À esquerda, casas convertidas em hotéis, casas de câmbio, artesanato e outros atrativos para turistas que desfrutam do Largo e de seus eventos culturais.

No decorrer desta pesquisa, o termo a ser utilizado para mencionar a localização do Bar do Armando será alterado de acordo com o vínculo filosófico atribuído ao contexto no qual ele se insere. Ao utilizar o termo lugar, lembramos do geógrafo Yu Fu Tuan que vinculou o conceito à familiaridade e às experiências desenvolvidas em uma dada porção do espaço:

Lugar é um mundo de significados organizados a um tempo estático e a outro dinâmico. O lugar é a segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. O espaço é movimento e o lugar, pausa. “... a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo”. (TUAN,1983, p. 8).

Em outro momento do trabalho, a referência ao Bar do Armado será interpretada de acordo com o conceito de “pedaço”, utilizado pelo antropólogo José Guilherme Cantor Magnani:

Espaço, ou segmento dele, que passa a ser ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores, como pertencentes a uma rede de relações. O termo “pedaço” designa aquele lugar intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 2012, p. 88).

O “pedaço” abordado em nossa pesquisa remete ao que Siegel (1992) verificou quando analisou ambientes que abrigavam a boemia da Paris dos anos 1830-1930 frequentados por personagens como Balzac, Baudelaire, Rimbaud, Verlaine, Satie, Artaud e tantos outros fundamentais para as transformações sociais e artísticas no século XX. Segundo o historiador norte-americano, os boêmios habitavam o mundo que encantava pela ambiguidade, pela explosiva criatividade e pela maneira iluminada que atrelava arte e política na busca por um mundo melhor (1992, p.26). Siegel acrescenta, ainda, que os relatos sobre estudos da vida boêmia narram que um determinado local obtinha referências de boemia pelo fato de ter reunido o

estranho grupo formado por artistas, jovens, figuras estranhas, mas criativas, onde (...) todos compartilhavam uma existência marginal baseada na recusa ou incapacidade de aceitar uma identidade social estável e limitada. (...) A verdadeira boemia tinha também outros componentes: excêntricos, visionários, radicais políticos, rebeldes contra a disciplina, pessoas rejeitadas por suas famílias, aqueles temporária ou permanentemente pobres (SIEGEL, 1992, p.19).

Em nossa pesquisa, os frequentadores do Armando também não se furtavam na busca pela liberdade de manifestar pensamentos, comportamento e interagir. No bar, desenvolveram a capacidade de transformar o trivial em notícia, poesia, música ou em conversas a perder de vista. Como citaram Simão Pessoa e Francisco Cruz, autores do “Bica do Armando” (2015), ao lembrar uma frase de uma das fundadoras da BICA, Heloisa Chaves, citada na “Ata de Fundação” da agremiação carnavalesca: “Aqui encontramos nossos pares, o que torna o bar mais eclético da cidade. Os mais diferentes credos, ideologias, etc. No final, aquele entrosamento!”.

Optamos por não classificar esses pares como **boêmios** do Bar do Armando, pois o termo, em nossa opinião, conduz a estereótipos e a ideias sobre estilos de vida que transitam mais pela fantasia do que pela realidade. No decorrer desta pesquisa, vamos nos referir aos clientes do Bar como frequentadores ou “biqueiros”, termo criado pelo núcleo de criação da BICA para identificar os integrantes e/ou simpatizantes da banda de carnaval. Alguns serão identificados por nomes, em função do envolvimento e autoria dos produtos que serão apresentados. No entanto, quando se trata de identificar o público que frequenta o Armando,

preferimos reproduzir a lista publicada em fevereiro de 2001 pela Diretoria da BICA, convocando os frequentadores do Bar que iriam “abrilhantar o carnaval de rua” (sic):

biqueiros, bicões, bêbados, pais de santo, aderentes, rufiões, políticos folclóricos (inclusive o Repolhão), gigolôs, travestis, damas da noite, mocinhas recatadas, juízes classistas, pajés de boi, promotores, dondocas, manequins, skatistas, procuradores, traficantes do amor, fraudadores do fisco, cachaceiros, comunistas socialites (inclusive o Eron, desocupados, colonistas despeitadas, massagistas, apontadores do jogo do bicho, michês, pastores da Universal, radialistas, programadores de Cobol, boêmios, fiscais da natureza, jogadores de porrinha, vendedores de Telebingo e a população amazonense em geral”. (Livro de Ouro, p. 87)

Havia entre os frequentadores uma tendência a optar pelo o que era oposto às convenções. Até a escolha da porta-bandeira da BICA foi unanimidade entre os organizadores ao apontar Petronília, uma senhora com mais de sessenta anos, religiosa, conhecida por frequentar o bar todas as noites após sair da missa na Igreja de São Sebastião. Ela prontamente aceitou a função e por vários anos abriu o carnaval da banda.

As manifestações incluídas em nossa pesquisa fazem parte de um momento de produção intelectual extraordinária registrado não só em Manaus como também nos meios artísticos em todo o Brasil. Esses movimentos foram observados por Ridenti (2014) como consequências do avanço do processo de modernização; da consolidação da indústria e do capitalismo na sociedade brasileira a partir dos anos 1960.

Em meio ao turbilhão de transformações em curso, intelectuais e artistas deram respostas criativas e diferenciadas às contradições de uma sociedade em rápido desenvolvimento na periferia do sistema. Música, literatura, artes plásticas, teatro, cinema, fotografia, dança e outras artes passaram a florescer com desenvoltura, ganhando cada vez mais audiência”. (RIDENTI, 2014, p.233)

Memórias pessoais registram que nas décadas de 80 e 90, período de manifestações das Diretas Já/Caras Pintadas/Fora Collor, a passadinha no Bar do Armando era quase obrigatória para quem estava interessado naqueles movimentos políticos. Não necessariamente para ocupar uma mesa no bar, mas a Praça São Sebastião, as escadarias do Teatro Amazonas, a frente do Bar ou da Igreja de São Sebastião, eram os pontos de encontro. Ou seja, o “Armando”, estava sempre inserido nesses acontecimentos.

Em tempos de inexistência de mídias sociais/internet, a rede de comunicação mais eficaz naquela época era o encontro na mesa de bar para viralizar informações, alardear comandos para manifestações e dar fervura nas discussões políticas e culturais. Era o

casas. Os compositores das marchinhas carnavalescas que todos os anos animam a Bica se reúnem somente nas prévias de Carnaval para ensaiar as músicas. “As melhores lembranças e a essência do Bar do Armando só existem por causa da Banda da BICA”. A afirmação do jornalista Mario Adolfo Aryce de Castro registra a importância das memórias afetivas desenvolvidas nesse lugar.

O poeta Aldísio Filgueiras, um dos frequentadores do “Armando” e envolvido nas produções literárias originadas naquele lugar, analisou o fim dos movimentos citados neste trabalho em um texto gentilmente enviado para contribuir nesta pesquisa (o texto completo faz parte dos **Anexos**):

Nada em Manaus consegue existir mais que 30 anos. O Bar do Armando nasceu com esse prazo de validade. Desconsiderada a sua data de fundação, nos anos 1970, como mercearia Nossa Senhora de Nazaré, em um prédio alugado à Ordem dos Capuchinhos, criou fama nos 25 anos em que durou a ditadura civil-militar que nunca teve muitas queixas da cidade, tempo suficiente para que se fundasse ali um das mais famosas e prestigiadas bandas carnavalescas, a Banda Independente Confraria do Armando (Bica). (...) Aos nativos sobreviventes (os que suportarem mais 30 anos e não apenas 15) permanece o estigma de Manaus, a da cidade “que já teve”. Manaus já teve o Bar do Armando.

Nossa pesquisa constatou que os novos clientes recorrem ao Bar, atraídos não só pela cerveja gelada, pelo bolinho de bacalhau, pelo requisitado sanduíche de pernil e o bonito visual para o Teatro Amazonas e Praça São Sebastião, mas também por se sentirem atraídos pelas histórias de irreverência plenamente exercida graças às garantias de liberdade de expressão associadas àquele lugar. Enfim, essa combinação faz o “Armando” disputado por turistas e frequentadores assíduos ou ocasionais, envolvidos pela permanente agitação desse pedaço do Largo. Essas qualidades têm sido frequentemente evidenciadas pela mídia local e nacional, quando se trata de informar pontos de lazer na capital amazonense. Tomar uma cerveja no Bar do Armando é uma espécie de batismo para quem visita Manaus.

A edição especial da Revista Veja – Comer&Beber Manaus 2017/2018 dedicou duas páginas para anunciar o Bar do Armando como “O Melhor Boteco” da cidade, eleito por uma comissão julgadora formada por moradores de Manaus com diferentes perfis profissionais. No mês de março de 2018, o Bar do Armando foi indicado pelo portal de notícias G1, como ponto de partida para um roteiro turístico que apresenta o melhor da cidade de Manaus. Em publicação no portal de notícias UOL, em agosto de 2018, o jornalista e curador da Sociedade Paulista de Cultura de Boteco, Miguel Icassatti, refere-se ao “Armando” como “fabuloso” e o conduz à lista dos botecos mais famosos e recomendados no Brasil.

Estruturamos esta pesquisa da seguinte forma: **Introdução; Capítulo 1**, com “**Uma volta na Praça**”, antes de entrar no Bar. O itinerário pelo Largo de São Sebastião inclui uma incursão ao passado para contextualizar como era Manaus no entorno do “Armando”, no período da construção do casarão onde funciona o Bar. Mostramos que desde o período da Belle Époque aquele perímetro da cidade tem vocação para atrair movimentos políticos e de protesto. Em seguida, Manaus ganhava destaque no cenário econômico nacional e internacional, em consequência da implantação do sistema Zona Franca. Nesse mesmo período, relatamos movimentos culturais e musicais voltados para o humor, no Brasil, até chegar em Manaus, nas décadas de sucesso no Bar. Atualizamos a informação no sentido de mostrar como a Praça é, hoje, local de festas e shows musicais.

No **Capítulo 2**, apresentamos o **Bar do Armando** como estabelecimento. Resgatamos o momento em que a Mercearia Nossa Senhora de Nazaré deixa de vender feijão, arroz, farinha e passa a ser terreno fértil para ideias e atitudes daqueles clientes que conviviam com uma Manaus ainda pacata, mas em ritmo de transformação. Além dos turistas que visitavam o Teatro Amazonas – vizinho ao Armando – jornalistas, artistas, estudantes, professores e pessoas das mais diversas profissões procuravam o Bar como ponto de encontro para falar sobre as profundas mudanças políticas na cidade, no Brasil e no mundo. Neste capítulo, vamos apresentar o personagem que deu nome ao lugar; abordaremos a questão do Registro do Patrimônio Imaterial atribuído ao Bar; falaremos também sobre o relacionamento entre Bar *versus* Igreja e, para encerrar, mostraremos como está o Bar do Armando nos dias atuais.

O **Capítulo 3** abordará as **Pessoas e Movimentos**. É o momento de apresentar o Candiru e comentar os títulos e textos dos tabloides. Nesse mesmo capítulo, vamos citar os produtos gerados pelo Coletivo Gens da Selva. Ainda no terceiro capítulo serão apresentadas composições da banda da BICA em quatro momentos: primeira composição; a segunda, dez anos depois; a terceira, após vinte anos de carnaval e a mais recente, em 2018. Além dessas, optamos por dar destaque a outras composições que provocaram repercussão. No entanto, por questão de objetividade, não será possível contextualizar as mais de trinta marchinhas carnavalescas elaboradas pelos integrantes da banda. Em seguida, apresentamos a **Conclusão**, nela reafirmamos os objetivos desta pesquisa, relatando os detalhes encontrados no decorrer do trabalho e reflexões sobre o tema.

Trópicos, diante das intervenções urbanas que seriam inspiradas na Paris de Haussmann⁹. Outros sobrados erguidos nas proximidades da Praça de São Sebastião estavam inseridos na constituição das políticas urbanas impostas pelo então governador do Amazonas, Eduardo Ribeiro. Dias (2007) assinalou, inclusive, que o Código de Posturas de 1872 proibiu casas de barro e cobertas com palha em todas as praças da cidade, cabendo ao infrator uma multa de 200\$000 réis ou a demolição da construção.

Quem tinha acesso às melhorias do projeto urbano, adotava hábitos como se estivesse vivendo em um país da Europa. Já que o lugar de nossa pesquisa é um Bar, fomos buscar nesse passado imagens de bares/botequins que se instalaram no Centro de Manaus no início do século XX (figuras 01 e 02)¹⁰ a fim de dar a dimensão de como certos grupos sociais foram envolvidos pelo cenário de grandeza imaginado para a capital do Amazonas.

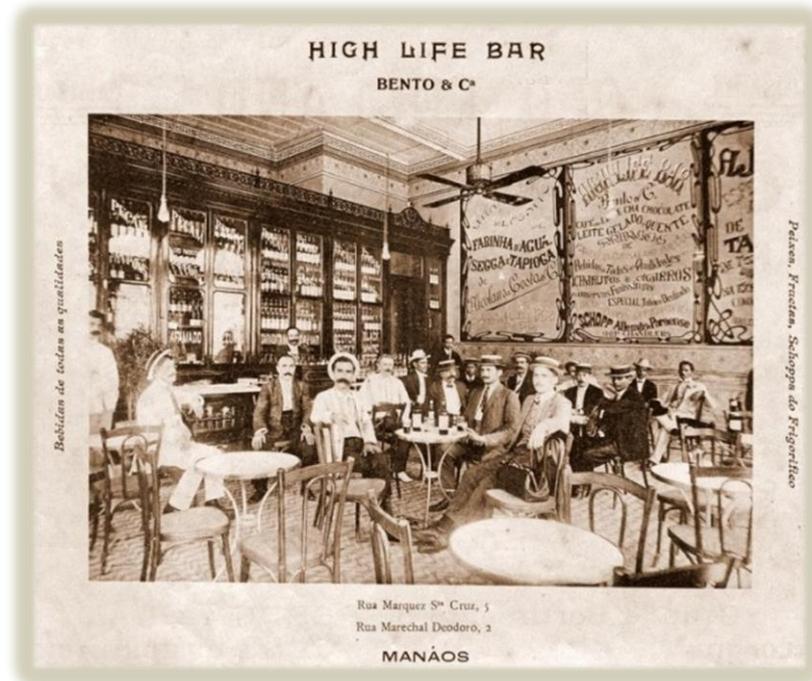
No *High Life Bar*, instalado na Rua Marques de Santa Cruz esquina com a Rua Marechal Deodoro, nota-se que, no ambiente eminentemente masculino, os clientes vestem paletó e usam chapéu como se estivessem em um local que exige recato e elegância. A ambientação interna demonstra o cuidado com o armazenamento e a exposição das bebidas, arrumadas em uma estante de madeira entalhada. Se não fossem os letreiros na parede que oferecem “farinha d’água secca de tapioca” teríamos a certeza de que a foto registra um bar em outro país.

Nesses locais imaginamos que a presença de uma mulher causaria espanto e daria margens para comentários sobre má reputação. No entanto, há relatos de que as mulheres que vendiam alimentos nas ruas adentravam nesses bares sem qualquer constrangimento para oferecer seus produtos. Além delas, não há registro de que outras moças da cidade frequentavam os bares e os cafés para usufruir daquele ambiente.

⁹ George-Eugène Haussmann – Prefeito que governou Paris de 1853 a 1870, responsável pelo projeto urbano e arquitetônico que embelezou a cidade.

¹⁰ Imagens extraídas do acervo digital do Instituto Durango Duarte. Coletânea de fotografias de empresas, companhias, empórios, armazéns, bares, restaurantes e lojas existentes na cidade de Manaus, no início do século XX, publicadas na administração do governador do Amazonas, coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt. Fonte: Indicador Ilustrado do Estado do Amazonas de 1910/Editado por: Courier e Billiter. Acesso em 25/05/2018. <http://idd.org.br/acervo-digital/iconografia/manaus/>

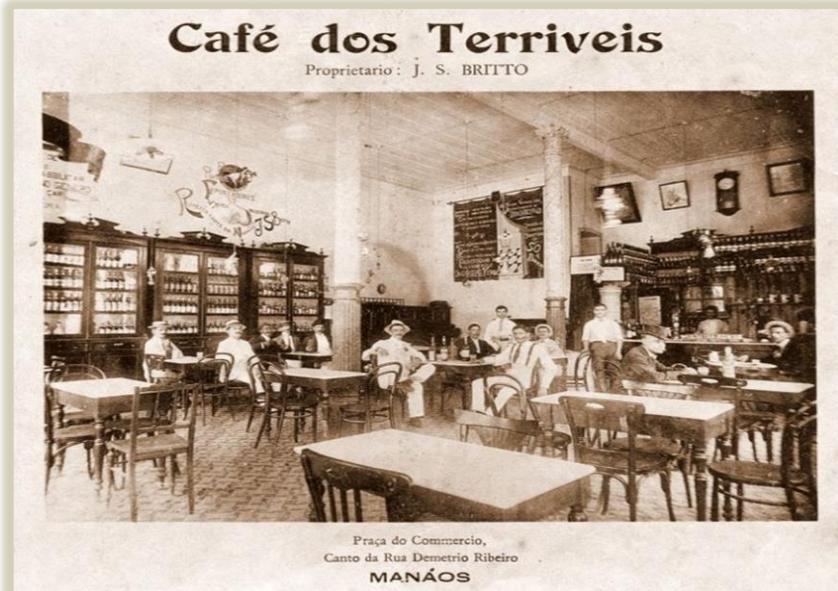
Figura 2- Bar High Life – Esquina das ruas Marquês de Santa Cruz com Marechal Deodoro.



Fonte: Acervo Site idd.org.br. Acesso em 17.05.2018

O Botequim Café dos Terríveis, situado na Avenida do Terminal da Matriz, foi outro ponto de encontro na Paris dos Trópicos. O local era próximo ao Porto (“*Roadway*”) e oferecia bebida para viajantes e comerciantes que transitavam em uma das áreas mais movimentadas da cidade. Na frente do Botequim dos Terríveis, havia uma fonte que alguns anos após a sua inauguração foi transferida para a Praça da Catedral de Nossa Senhora da Conceição (Matriz), posicionada de frente para o porto, na intenção de dar melhor aspecto na imagem da cidade para os migrantes que desembarcavam em Manaus.

Figura 3 - Café dos Terríveis – Bar tradicional dos anos 1910/20. Funcionava na Praça do Commercio (hoje, terminal de ônibus da Praça da Matriz) esquina com a Rua Demétrio Ribeiro (hoje, Rua Visconde de Mauá).



Fonte: Acervo Site idd.org.br. Acesso em 17.05.2018

Figura 4 - Chafariz das Quimeras erguido na frente do Botequim dos Terríveis, em 1911.



Fonte: Acervo digital <http://blog.stevenconte.com.br>. Acesso em 28.05.2018.

Apesar da pompa das edificações descritas como palacetes e sobrados, o projeto urbano para a área central se revelou excludente. O conjunto de edificações que indicava o fausto da época era uma evidente contradição com outras áreas da cidade cortadas e/ou inundadas pelos igarapés. Assim como as cidades medievais construía muralhas para se defender de invasões, a Manaus da Belle Époque ganhou muros imaginários e segregou a população que não fazia parte da elite amazonense.

A Manaus do final do século XIX e início do XX excluiu a classe trabalhadora dos benefícios da modernização, causando-lhes grandes prejuízos nas condições de moradia, na oferta de serviços de saneamento, transportes e saúde. “As coisas públicas, isto é, aquilo a que todos deveriam ter acesso, tornam-se privilégios de poucos” (DIAS, 2007 p.45).

O desemprego de centenas de pessoas foi um dos primeiros problemas registrados com a queda da produção e venda da borracha. Dias (2007, p. 142) ainda relata que os antigos trabalhadores residentes em Manaus uniram-se aos recém-chegados para promover manifestações das mais diferentes formas contra as cobranças advindas do controle rigoroso sobre o uso do espaço físico, novas medidas para o exercício do trabalho e escassez dos produtos de primeira necessidade. O espaço urbano, antes cenário para circulação e exibição de um grupo privilegiado, transformava-se em itinerário de quem estava disposto a dar visibilidade a protestos contra o governo da época e imposições de novos hábitos.

As manifestações eram a maneira mostrar a participação na vida pública, mesmo que contestando os vínculos de subserviência às regras impostas pelos barões da borracha. Sobre essa forma de participar da vida na cidade, Rolnik (2009, p.25) observou:

Na passeata, comício ou barricada a vontade dos cidadãos desafia o poder urbano através da apropriação simbólica do terreno público. Nestes momentos, assim como nas festas populares como o carnaval ou as festas religiosas, as muralhas invisíveis que regulam a cidade mantendo cada coisa em seu lugar e comprimindo a multidão do dia-a-dia, se salientam pela ausência. Quando o território da opressão vira cenário de festa, é a comunidade urbana que se manifesta como é: com suas divisões, hierarquia e conflitos, assim como suas solidariedades e alianças.

Assim, voltemos à Praça São Sebastião para situar nesse ponto da cidade as tensões e conflitos que marcaram a decadência da Belle Époque. A historiadora Francisca Deusa Costa (1998),¹¹ no artigo “Os Trabalhadores e a Cidade”, analisou as manifestações do dia 1º de Maio nas duas primeiras décadas do século XX em Manaus e constatou que o perímetro no entorno do Teatro Amazonas era ponto de encontro dos organizadores das reivindicações. Mais adiante mostraremos que Praça São Sebastião mantém, ao longo dos anos, sua vocação como palco de reivindicações e concentrações populares com diversos propósitos, nas décadas seguintes.

Em 1914, a data do Dia do Trabalho foi comemorada, segundo a pesquisadora, com uma passeata que saiu da Praça São Sebastião, fez paradas nas associações como Federação Marítima; locais de trabalho, como fábrica de roupas Amazonense, na Rua da Instalação, finalizando o percurso no antigo teatro Alcazar (hoje, a Praça Heliodoro Balbi). A

¹¹ Publicado em Amazônia em Cadernos, no. 4, out., 1998. Manaus:EDUA.

manifestação era uma espécie de retomada simbólica daqueles que foram excluídos dos espaços da Belle Époque.

A Praça São Sebastião, desde sua construção no final do século XIX, já vinha sendo constituindo-se e definindo-se enquanto lugar do ponto de partida de manifestações públicas dos vários segmentos sociais da cidade.

Localizada em frente ao Teatro Amazonas, ela se constitui como alternativa de apreensão da monumentalidade externa do mesmo. Não só os trabalhadores, como também outros segmentos despossuídos de Manaus, não vivenciavam esse lugar do luxo, dos chamados “barões da borracha”. Mas a bonita praça construída à mesma época do teatro como seu complemento, tendo ao centro um monumento comemorativo da abertura dos portos do Amazonas ao mundo, por ter uma dimensão pública, era utilizada pelos trabalhadores para manifestarem-se contra o patronato local. (COSTA, 1998, p. 70).

No século XX, a Praça São Sebastião mantém sua vocação como palco de concentração popular. Em uma foto publicada no *site* do Instituto Durango Duarte, há uma imagem registrada a partir da torre da Igreja de São Sebastião, durante a ocorrência de um evento público. A fotografia, segundo o *site*, é um cartão postal da década de 1920, da Agência de Turismo Booth Line.

Figura 5 - Evento na Praça São Sebastião, em 1926.



Fonte: Agência Booth Line. Fonte: Manaus Sorriso. Site:IDD. Acesso em 23.06.2018.

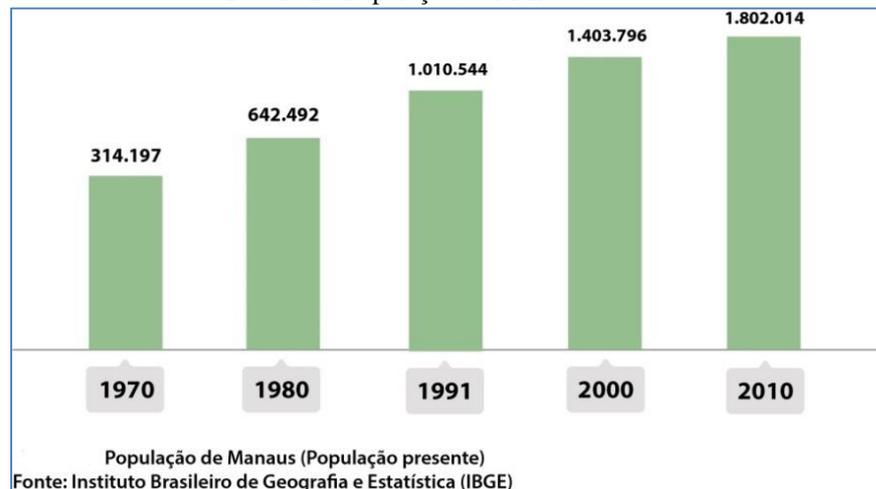
Após o deslumbramento e a conseqüente frustração da Belle Époque, Manaus se transforma em uma “cidade do esquecimento” (Valle, 2013)¹². No final dos anos 50 e início

¹² Tese de Doutorado “A cidade do esquecimento: Manaus entre a memória das ausências e as ausências da memória”, apresentada pelo Prof. Dr. Geraldo Jorge Tupinambá do Valle, em 2013, ao Programa de Pós-

dos 60, a nódoa da estagnação não havia sido removida da cidade. A antiga Paris dos Trópicos continuava no cenário econômico nacional e internacional como uma cidade avessa a investimentos.

Somente a partir da segunda metade dos anos 60, com a implantação da Zona Franca de Manaus, a cidade volta a surgir como atraente para moradores de diversos municípios do Amazonas e de Estados vizinhos, como o modelo econômico era embasado na promessa de geração de emprego e de melhores condições de vida para todos que optarem se instalar na capital do Amazonas. As empresas instaladas no Polo Industrial de Manaus convocavam mão de obra para as linhas de montagem. A virada dos anos 70 para 80 registrou um aumento de 104% na população presente na cidade de Manaus, confirmando o período de maior êxodo da história do Amazonas conforme gráfico do IBGE.

Tabela 1 - População de Manaus



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 2012

Pessoas de vários lugares do Brasil e de outras cidades do mundo chegavam em Manaus em busca não só do comércio de importados, como também para conhecer pontos turísticos da capital. Lojas instaladas no centro comercial ofereciam produtos importados com isenção de impostos e considerados baratos, em comparação aos preços praticados em outras cidades. Nesse período, os hotéis sempre estavam com lotação esgotada e a cidade de Manaus vivia um momento de euforia. O novo cenário despertou inquietação nos manauaras. Afinal, entrava em cena um novo sistema prometia a recuperação da cidade após um duro período de colapso econômico. Marcio Souza (1978, p.161) observou:

Com o anúncio de que o período nefasto estava chegando ao fim, o teatro, cinema, literatura e música passaram a ser veículos para manifestar pensamentos sobre o mundo e o país. A demanda estava reprimida e a ansiedade para lançar novas tendências, comportamentos e atitudes era enorme.

Um traço em comum marcava produção desses novos talentos: a irreverência e o bom humor. Programas de TV com conteúdo humorístico lançavam atores como Regina Casé, Luís Fernando Guimarães, Evandro Mesquita, integrantes do grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone e programas como Cassetta e Planeta Urgente! e TV Pirata. A Profa. Dra. Anna Maria Balogh (2017, p. 12) observou que na década de 80 a teledramaturgia brasileira começou a distanciar-se das demais da América Latina precisamente pela inclusão de um ou mais núcleos cômicos dentro do dramalhão tradicional. “O cômico adquire neste contexto uma função a mais, além das muitas que se analisam, qual seja a de dar equilíbrio aos eventuais exageros do melodrama e criar um contraponto divertido a esse gênero de base”, observou.

O *rock* nacional lançava bandas que, a princípio, independentes, ganham espaço na cena musical e se popularizam nas rádios. No Rio de Janeiro, surgiram bandas como Blitz, Barão Vermelho, Os Paralamas do Sucesso, Kid Abelha, Biquini Cavado e o cantor Leo Jaime. Em São Paulo, despontaram os movimentos musicais originários da periferia como o punk rock e as festas que tocavam soul e funk. Bandas paulistas se revelaram nessa época e se mantêm até hoje no mercado musical, como Titãs, Ultraje a Rigor, RPM e Ira!. Houve ainda o lançamento de músicos da vanguarda paulistana conduzida por Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção.

Em Manaus, a produção cultural foi marcada pelo lançamento de uma produção musical voltada para a valorização dos temas regionais. O Grupo Tariri fazia apresentações com o conteúdo das composições suscitando questões como proteção da floresta, denunciava violência contra lideranças indígenas e tinha público garantido formado pelo movimento estudantil que se fortalecia, na cidade. O cantor, compositor e maestro, Adelson Santos, ganhava destaque nas rádios com a música “Argumento (Não mate a mata)” e “Dessana”, apontadas pela crítica musical local como verdadeiras poesias à conservação ambiental da Amazônia. É importante destacar que nesse período, mesmo com a crescente produção cultural na capital, a Praça São Sebastião raramente era utilizada para dar visibilidade aos eventos artísticos. Os shows e outras apresentações artísticas era realizadas em teatros e outros ambientes fechados.

A cena teatral em Manaus, nesse período de redemocratização, lançou movimentos que conjugavam a prática da encenação como instrumento de conscientização política. O Teatro

Experimental da Periferia, fundado pelo ator e jornalista Osmir Medeiros na década de 80, foi pioneiro na iniciativa de adotar a ideologia marxista no sentido social do teatro. Um dos destaques dessa companhia foi a peça “A Terra dos Meninos Pelados”, baseada na obra Graciliano Ramos, com texto do advogado e ator Lino Chixaro. No mesmo período, o Grupo Banzeiro ganhava destaque com a peça “O Sonho de Zé Boca de Porco”. Outros grupos como Teatro de Bonecos, a Companhia Pombal Arte Espaço Alternativo e o Grupo de Teatro Chaminé lançavam espetáculos com linguagem despojada e irreverente.

“Saíamos dos espetáculos teatrais, dos protestos e das reuniões clandestinas e íamos para a Praça São Sebastião e, depois, para o Bar do Armando”, lembrou o ator e jornalista Osmir Medeiros, relacionando o perímetro Teatro / Praça / Bar do Armando como uma espécie de ‘território livre’ ou ‘epicentro’ das manifestações que ocorriam na virada das décadas 70/80.

No dia 2 de maio de 1980, a Praça São Sebastião volta a ser palco de protestos com o início do movimento que conquistou a meia-passageira no transporte público para os estudantes de Manaus. A União dos Estudantes Secundaristas do Amazonas (UESA) e o Diretório Universitário da Universidade do Amazonas (DU) realizaram um ato público com a participação das pastorais Universitária e Operária, Gruta, União Nacional dos Estudantes, (UNE), partidos políticos de oposição e outras entidades. A liderança do movimento se autodenominava “Comando de Luta pela Meia-Passageira”¹⁴.

¹⁴ Para saber mais sobre o movimento estudantil que reivindicou a meia passagem, leia o artigo no <http://idd.org.br/o-passo-passo-em-defesa-a-meia-passageira/>. Acesso em 25.05.2018.

Figuras 6 e 7 - Protestos do movimento em favor da meia-passage estudantil em Manaus.



Fonte: [idd.org.br.](http://idd.org.br/) / Jornais A Crítica e A Notícia em 3 de maio de 1980/Acesso em 10/04/2018

Na segunda metade da década de 80, o Teatro Amazonas, símbolo mais imponente da Praça São Sebastião, estava em estado de abandono, em contraste com a efervescência cultural registrada em seu entorno. Em 1987, o governador da época, Amazonino Mendes, anunciou uma grande reforma no Teatro, só finalizada em 1990, que incluiu o resgate, valorização e preservação dos itens que o prédio ostentava de mais expressivo em arquitetura e decoração, ambientes internos e externos do teatro, como fachadas e muros.

Figura 8 - Largo São Sebastião, como estacionamento. Década de 1990.



Fonte: Site idd.org / Via Secretaria de Estado da Cultura (SEC-AM)

O projeto permitiu o registro e o reconhecimento dos bens arquitetônicos referenciais da Belle Époque amazonense de 1890 a 1912, incluindo alguns imóveis daquele entorno, datados de 1950. Entre os serviços, o projeto do Governo do Estado incluiu obras de restauração total e parcial de fachadas, serviços de limpeza das fachadas da Igreja de São Sebastião; recomposição e adequação dos equipamentos urbanos da área como calçadas, meio-fio, sarjetas, canteiros centrais e arborização. Os trabalhos de restauração basearam-se, principalmente, na preservação dos elementos remanescentes, estéticos e históricos originais existentes e o retorno dos elementos adulterados.

No que se refere ao imóvel n° 593, da Rua 10 de Julho, onde está instalado o Bar do Armando, o relatório do Projeto do Governo do Estado, o casarão necessitou de poucas interferências, como:

- prospecção da fachada para identificação das cores originais do imóvel que antes era na cor azul e ficou cor-de-rosa;

- correção e complementação de frisos e molduras, com utilização de moldes;
- reforma da garagem lateral;
- substituição da comunicação visual existente por padronizada;
- colocação de numeração padronizada em chapa de ferro pintada.

Os frequentadores do Armando não tinham como ficar alheios ao projeto de revitalização do Largo. Afinal, a Praça era uma extensão do Bar e o projeto limitava a circulação dos biqueiros naquele perímetro, durante o período de Carnaval. De acordo com reportagem publicada no Jornal O Diário do Amazonas (28 de janeiro de 2005), o então Secretário Estadual de Cultura, Robério Braga, mostrava-se preocupado em proteger o sítio histórico do Largo de São Sebastião que receberia pedras originais no pavimento. O secretário argumentava que a quantidade de participantes da Banda da BICA – àquela época já estimada em 40 mil pessoas – exigia medidas por parte dos poderes públicos para organizar o desfile da banda e evitar danos ao piso da Praça. Os integrantes da diretoria da BICA, jornalistas Mario Adolfo e Deocleciano Bentes, em resposta, respeitaram a decisão, mas prometeram não usar pantufas durante o Carnaval (sic).

A partir daquele ano, o Carnaval da Bica passou a obedecer à seguinte “ocupação” naquele perímetro: a multidão pode se concentrar na Praça e ao longo da Rua Dez de Julho, no trecho entre as avenidas Eduardo Ribeiro e Getúlio Vargas. Os biqueiros perderam a área da Rua José Clemente, próximo à esquina com a Rua Costa Azevedo, e parte da Rua Tapajós, em frente ao Teatro Amazonas, fechado com tapumes.

Em 2006, outra etapa do projeto de revitalização do Largo de São Sebastião repercutiu como provocação e instigou a irreverência que caracterizava o grupo de frequentadores do Bar. Dessa vez, o bondinho do século XIX, posicionado na esquina das ruas Costa Azevedo com José Clemente, foi interpretado pelos biqueiros como um símbolo dos limites impostos pelo Governo do Estado durante o Carnaval. Para protestar contra as medidas, um grupo de frequentadores do Bar resolveu, em uma noite do mês de janeiro de 2006, inverter o itinerário descrito no início deste capítulo: saíram do Armando acompanhados por uma banda de carnaval, deram “uma volta na praça” e ocuparam o bondinho.

Figura 9 – Escracho contra revitalização da Praça São Sebastião, em 2006.



Foto: Rogério Pina. Publicada em 28.01.2006. Jornal A Crítica. Coluna Bem Viver.

A atitude dos biqueiros tem semelhança com o movimento do *escrache* surgido na Argentina, em 1990, que ganhou destaque como forma de denunciar a impunidade aos oficiais militares envolvidos na violação dos direitos humanos na ditadura do governo Carlos Menem. Os *escraches* revelavam que determinadas pessoas, acobertadas pelo aparato judicial, eram culpadas de crimes graves. Havia, portanto, um sentido de denúncia na atitude. O *escracho* geralmente se caracteriza por encenações, música, atitudes de provocação a quem se destina o protesto e, principalmente, pelo discurso do humor adotado pelos manifestantes. Geralmente os ativistas se dirigem para um lugar que simboliza uma causa e, assim, expõem a insatisfação direcionada às medidas impostas por autoridades públicas. Dessa forma, criam um fato político e midiático. No artigo *O Poder do Escracho* publicado no jornal O Estado de São Paulo (2012), o professor titular do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas (Unicamp), Francisco Foot Hardman, apresenta uma definição para esse tipo de manifestação que ultrapassou fronteiras no país de origem e ganhou adeptos no Brasil.

O *escracho* é uma manifestação legítima e eficaz. Comprovou-se isso na Argentina, no Chile e no Uruguai. Não deve pretender a violência física da invasão de domicílios ou ataques diretos aos homens sinistros. Apenas desmascará-los em praça pública, in absentia.(...) É, na verdade, um livre momento de expressão e desabafo

entre os grupos de frequentadores, era possível obter informações sobre o que estava acontecendo na cidade e trocar ideias sobre assuntos diferentes.

Interpretamos que as características de sociabilidade e interatividade relatadas nesses ambientes da história antiga atravessaram o tempo e estabelecem afinidades com os espaços de lazer do mundo contemporâneo, onde as pessoas se encontram para expressar ideias, beber e se divertir. Na praça, as pessoas querem ver as outras e serem vistas.

Um momento emblemático da Praça São Sebastião ocorreu na Copa do Mundo 2014, quando as pessoas começaram a se aglomerar no Largo São Sebastião para acompanhar as transmissões das partidas de futebol exibidas em um telão. O local não foi escolhido pelos organizadores do campeonato nem pelas autoridades locais envolvidas na organização do evento que elegeu a capital amazonense como uma das cidades-sede do torneio. As pessoas passaram a ocupar o Largo, espontaneamente, em um movimento que obrigou as instituições de segurança a adotar medidas para monitorar a multidão que se aglomerava na praça e ruas do entorno. Entre as opções de restaurantes no entorno do Largo, o Bar do Armando era o ponto de encontro preferido por torcedores e turistas. No dia 12 de junho daquele ano, a imprensa deu destaque à superlotação no Bar que obrigou a polícia a intervir, estabelecendo horário de funcionamento do estabelecimento, por questões de segurança.

Na atualidade, governo do estado e prefeitura de Manaus incorporam programação cultural à Praça São Sebastião e concorrem com grupos desvinculados à agenda oficial que ocupam a praça diariamente para desenvolver atividades sem o estabelecimento de normas impostas pelos poderes.

Figura 10 - Oficina de cartazes na Praça São Sebastião para organização de protesto em 2015.



Fonte: G1 Amazonas. Foto Guilherme Fragas.

De acordo com a Secretaria de Estado de Cultura, a agenda oficial de eventos realizados na Praça São Sebastião tem o objetivo consolidar uma relação das pessoas aos lugares públicos, por meio de atrações culturais e outras festas que evidenciem o uso coletivo desse espaço. Um dos projetos da SEC é o Programa Espaço Aberto (Figura 11) que inclui a Praça São Sebastião nas concessões de ocupação de 52 espaços culturais para ensaios e apresentações de produções artísticas como shows, performances, seminários, ensaios, mostras, festivais, exibições audiovisuais. O *Tacacá na Bossa* é outro projeto coordenado pelo Governo do Estado que promove, há treze anos, shows grátis de artistas locais sempre as quartas-feiras.

Figura 11- Peça *O Mendigo e o Cão Morto* na Praça São Sebastião, em 2018.

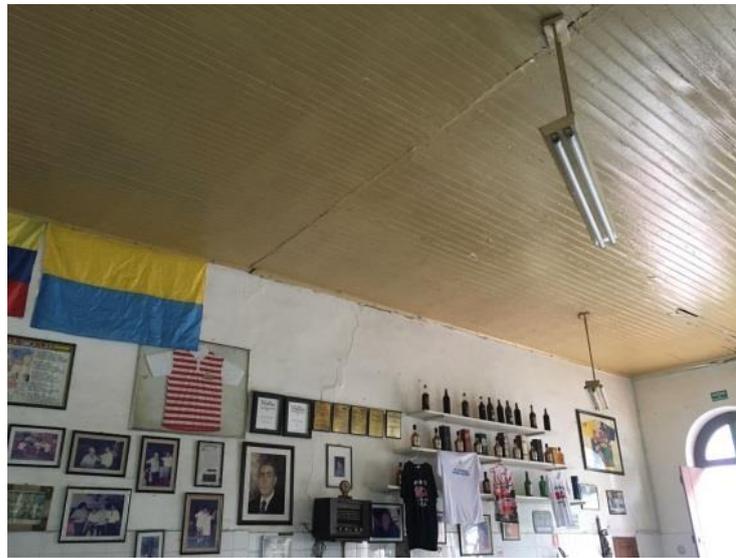


Fonte: Secretaria de Estado de Cultura (SEC). Foto: Michael Dantas.

CAPÍTULO 2 – O BAR

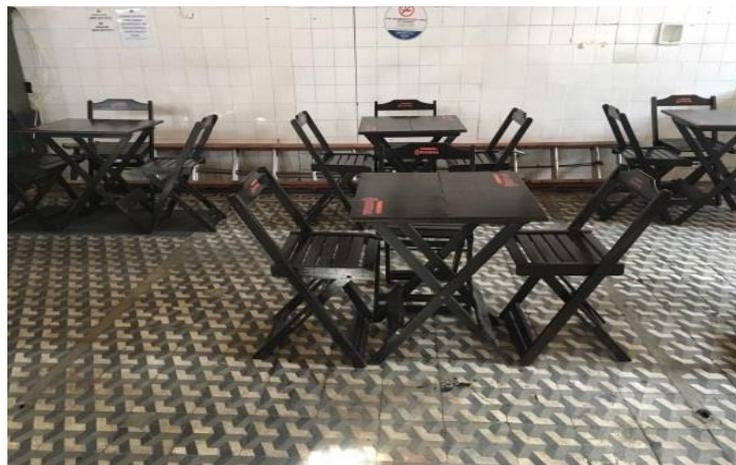
No teto e no piso do Bar do Armando ainda há os vestígios do tempo em que a rotina da casa do comerciante Armando Soares se confundia com a mercearia Nossa Senhora de Nazaré. As linhas tênues no forro de madeira e no revestimento de ladrilho hidráulico indicam as divisões dos quartos do casal Lourdes e Armando, e o das meninas Ana Cláudia e Ana Lucia. No início da década de 80, paredes vieram abaixo e tudo virou bar.

Figura 12- O teto do Bar do Armando com as marcas das divisões dos cômodos da antiga residência.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 13 - Piso do Bar ainda tem as marcas da divisão dos cômodos da casa.



Fonte: Arquivo Pessoal

O poeta Simão Pessoa, um dos antigos frequentadores do Bar e uma das lideranças do núcleo de criação dos movimentos originados no “Armando”, descreve aquele momento de mudança, testemunhado pelos clientes:

2.1 O Bar, hoje

O momento atual do Bar do Armando é cercado de indefinições e o futuro, mais ainda. A análise é de Ana Claudia Soeiro, filha do comerciante português e responsável pela administração do estabelecimento depois que o pai morreu, em 2012. O processo judicial que ainda está em curso, segundo ela, torna-se um obstáculo para o planejamento de atividades em longo prazo para o Bar. O investimento no imóvel é para atender situações de rotina e solução de problemas imediatos, como reparos elétricos, hidráulicos e na infraestrutura do prédio. O dia a dia se resume em abastecer as geladeiras com cerveja e preparar os acompanhamentos. O cardápio, antes restrito ao sanduíche de pernil e bolinho de bacalhau, foi ampliado oferece tira-gosto e bebidas variadas.

Apesar da falta de perspectiva quanto ao funcionamento do Bar, Ana Claudia reconhece o desafio por ter herdado não só a gestão do estabelecimento, mas também a responsabilidade de manter a identidade desse “pedaço” como referencial de boemia e lugar repleto de memórias. “Pedaço”, segundo Magnani (2012, p.89), designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.

“Nossa marca é de um espaço democrático que sempre agregou pessoas de todas as classes sociais, culturais e econômicas. Aqui dentro víamos juiz conversando com filósofo; sociólogo conversando com delegado e médico conversando com pessoas sem profissão definida” (2018), disse a filha do Armando. Ela admite que após o falecimento do comerciante houve uma evasão de alguns frequentadores assíduos. Outros, acrescenta, reduziram a frequência por mudança de hábito decorrente da idade.

As estratégias para manter o movimento no Bar e conquistar novos clientes revela a disposição da comerciante em adotar inovações que combinam noitadas musicais semelhantes às do passado com repertório de clipes de música de estilos variados exibidos em um monitor de TV instalado no salão. “Tenho a convicção de que a essência do Bar do Armando ainda existe. Pessoas de todas as classes sociais continuam frequentando o Bar, ao contrário de outros espaços de lazer em bairros como Vieiralves¹⁸ e Parque 10¹⁹ que possuem público padronizado e restrito. Aqui, recebemos pessoas de todas as origens”, analisou Ana Claudia (2018).

¹⁸ Bairro da zona Centro Sul de Manaus.

¹⁹ Bairro da zona Centro Sul de Manaus.

Figura 14 - Bar do Armando, 2018.



Fonte: arquivo pessoal.

O início do atendimento ao público ocorre sempre às 14 horas e se estende até às duas da manhã. No total, são 42 mesas espalhadas dentro e fora do Bar. A frequência chega a 300 pessoas, em média, por dia, nas datas com programação musical.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, tivemos a oportunidade de ouvir novos frequentadores e constatamos que os relatos sobre a preferência pelo “Armando” destaca fatores como localização e as histórias atribuídas aos movimentos originados no Bar.

Não sou de Manaus e resolvi conhecer o Bar do Armando porque algumas pessoas que conheço aqui indicaram o lugar como o mais tradicional da cidade e famoso pela banda de carnaval. Disseram-me que beber uma cerveja neste bar é uma espécie de batismo para quem visita Manaus. (ALMEIDA,Raul, 2018).

Atualmente não há registro de novos projetos coletivos envolvendo os clientes, como realizados no passado, quando os frequentadores transformavam o lugar como ponto de encontro dos amigos. Para atrair novos clientes, Ana Claudia Soeiro, administradora do Bar, investe em uma programação musical variada. A estratégia tem dado resultados positivos.

Vi a divulgação nas redes sociais sobre esse show do Tuco Pellegrino aqui no Bar do Armando. Chamei alguns amigos para assistir à apresentação porque gosto muito de samba. Seria bom que o Bar oferecesse outras atrações desse peso. (SOUZA,Neide, 2018).

A opinião da cliente soa como um compromisso a mais para a atual administradora, entre os já assumidos para manter o Bar em funcionamento. Um dos maiores desafios da atual gestão do Armando é a concorrência com os bares vizinhos e bancas de venda de comida que se instalam no Largo São Sebastião. Para não ficar na defasagem, o cardápio do Armando também buscou inovações. O *menu* era restrito à sanduíche de pernil, bolinho de bacalhau, tira gosto de azeitona, queijo e salame, servidos no balcão pelo próprio Armando. Nos últimos cinco anos, o cardápio foi ampliado para atender ao público crescente e incluiu farofa de ovo, moela e carne de conserva com farinha. A cerveja gelada agora é exposta em modernas geladeiras padronizadas com a marca dos fabricantes. Os frequentadores percebem as inovações.

Morei em Manaus nas décadas de 80 e 90 e frequentava o Bar do Armando naquele período. Sempre que retorno à cidade venho aqui tomar uma cerveja. Percebo que houve pouca mudança na estrutura do Bar com o passar dos anos. A mudança mais evidente, acredito, é com o público frequentador. Aqueles clientes com o jeito de boêmio das antigas, não são mais vistos por aqui. Vejo aqui pessoas de todas as idades, estudantes, artistas e muitos turistas. (VELOSO,Jaqueline, 2017).

A observação nostálgica da cliente remete ao que Ridenti (2001) assinalou sobre o declínio do protótipo do intelectual²⁰ ou do artista rebelde, cada vez mais raro nos dias de hoje. O sociólogo analisou que os intelectuais críticos e comprometidos com a superação das contradições da modernidade capitalista tendem a dar lugar a intelectuais resignados, contemplativos das eternas contradições, contra as quais pouco ou nada poderiam fazer. Filgueiras (2018) observou, assim, essa lacuna:

Aos nativos sobreviventes (os que suportarem mais 30 anos e não apenas 15) permanece o estigma de Manaus, a da cidade “que já teve”. Manaus já teve o Bar do Armando. A igreja talvez fixe ali um centro de alcoólatras anônimos e continuará a realizar casamentos, missas de finado e outros rituais sem a intromissão mundana da Banda da Bica, que tem mais foliões do que tem fiéis nos domingos de missa da igreja. Se a franquia “Bar do Armando” se estabelecer em outro lugar, precisará criar o estatuto de uma nova tradição, com fôlego para mais 30 anos. E com um carisma, como o tinha seu antigo dono, difícil de replicar. (FILGUEIRAS, Aldísio,2018)

²⁰ Ridenti (2001) *apud* Michael Löwy (1979:1) explica intelectualidade como "categoria social definida por seu papel ideológico: eles são os produtores diretos da esfera ideológica, os criadores de produtos ideológico-culturais", o que engloba "escritores, artistas, poetas, filósofos, sábios, pesquisadores, publicistas, teólogos, certos tipos de jornalistas, certos tipos de professores e estudantes etc."

Figura 15- Revista Veja elege o Bar do Armando como o "Melhor Boteco" de Manaus.



Fonte: Revista Veja, edição 2017 Comer & Beber.

Figura 16 - Atrações musicais no Bar do Armando, atualmente. Apresentação de Tuco Pellegrino, da Portela.



Figura 17 - Armando Dias Soares



Fonte: Livro de Ouro

2.2 Armando

Neste item vamos falar do personagem que deu o ânimo a essa convivência e transformou o Bar em um símbolo de território livre para discussões políticas e sociais da década de 80. O Armando, contam os frequentadores mais assíduos, não era de expressar muitos sorrisos. O humor dele era cáustico e, muitas vezes, não se eximia em expressar opiniões de forma particular, mas sempre em defesa de seus criativos clientes.

A trajetória do Armando, o comerciante, é marcada por episódios que intercalam momentos de luta e de glória. Para manter o bar sempre pronto para receber qualquer pessoa, a rotina do português começava cedo, praticamente encadeando com o expediente que havia encerrado na madrugada, quando fechava as portas do bar.

A afinidade do Armando com os diferentes grupos o transformou em um símbolo de simpatia e capacidade de agregar pessoas não só ao seu redor como também no seu empreendimento. Há quem lembre que até nos momentos de mau humor ele arrancava sorrisos da clientela.

Em uma das passagens do livro *Bica do Armando*, Cruz e Pessoa (2015) relatam que que no ano 2000 o “Núcleo de Criação do Bar do Armando” (sic) elaborou o enredo da Banda da BICA inspirado em uma denúncia veiculada pela imprensa local de que um desembargador do Tribunal de Justiça do Amazonas era suspeito de vender alvarás de soltura. Para a equipe de criação das letras da BICA, o escândalo era exato para compor o tema da marchinha de Carnaval. No entanto, o tal magistrado ao saber que a denúncia contra ele virou tema da BICA, obteve uma liminar da justiça determinando que seu nome não fosse citado pela imprensa, sob pena de prisão dos diretores dos jornais e pesada multa diária.

A decisão da Justiça soou como provocação e inspiração: os “biqueiros” lançaram a marchinha “Alvará para a Imprensa, Mordaça para a Corrupção”. Contam os escritores que um oficial de Justiça foi ao Bar interpelar o comerciante Armando sobre as insinuações incluídas na letra que se referiam à venda dos alvarás. O português teria se justificado ao oficial, com seu humor peculiar, dessa forma: “Seu doutore, me desculpe, mas esses meninos que se metem a fazer música na BICA são um bando de analfabeto. Na verdade, o enredo é uma homenagem a Álvara, irmã gêmea do Álvaro, que faleceu no carnaval passado. Só que na hora de escrever o nome, os burros em vez de acentuar o primeiro “A”, acentuaram o segundo. Ai Jisus!!”

Figura 18- Protesto dos “biqueiros” contra a tentativa de impedir a marchinha “Alvará para a Imprensa, Mordaça para a Corrupção”, tendo o Armando, ao centro, em 2000.



Fonte: Livro de Ouro

Entre os relatos verbais e histórias lembradas pelos frequentadores para descrever o português Armando, encontramos a definição no “Livro de Ouro”, redigida à mão, pela frequentadora Heloísa Cardoso, professora da Universidade Federal do Amazonas:

O dia 28 de fevereiro de 1987 surgirá radioso. Por que? Perguntaram vocês. Ah ! Saibam que no dia 28 de fevereiro de 1935 nascia em Casal do Frade – Conselho de Arganil – Distrito de Coimbra o pequerrucho Armandinho, que recebeu na pia batismal da paróquia o nome de ARMANDO DIAS SOARES. Como legítimo filho de agricultor dizem...dizem...que seu berço foi um caixote de cebola. Mas, saltando os detalhes de sua infância feliz e laboriosa, fixemos-nos no moçoilo Armando. O mesmo que no ano de 1952, com 17 anos, embarcava para o Brasil, com destino a Manaus, de onde não mais saiu. Como poderia voltar p'rá terrinha, se aqui começou a amealhar seu rico dinheirinho labutando com seu tio na mercearia existente no canto da Monsenhor Coutinho com Luís Antony. Mas, mesmo com o pé de meia feito, não haveria mais volta – havia sido físgado pelos olhos verdes reluzentes da senhorinha Maria de Lourdes, irmã do Patrício Henrique Soeiro, então proprietário do Bar e Mercearia N. Sra. de Nazaré. O doce idílio sempre foi presenciado e perturbado muitas vezes por antigos confrades, como Aldemar Bonates – a Confraria do Armando sempre foi gaiata!

Encurtando a estória, casaram-se em 1970 e da união nasceram duas flores: Ana Cláudia e Ana Lúcia. A casa N. Sra. de Nazaré, com seu quarto proprietário – os anteriores foram, cada um a seu tempo, Henrique Soeiro, o também lusitano Cruz e o Cipriano, que mantinha uma loja de bicicleta, onde hoje é a garagem do carango do Armando.

Por que tantas loas fazem os frequentadores de sua casa – a Confraria do Armando – a mesma?

Ah ! O Bar do Armando...

Cada confrade tem sua impressão; impossível generalizar. Tentaremos um resumo: Aqui encontramos a cerveja mais gelada – honestamente, sem regelo – da cidade e a famosa isca de leitão da D. Lourdes. (...)

Registre-se que a Confraria, inicialmente masculina, já há alguns anos conta com a presença feminina não só enfeitando, mas também discutindo e consumindo a famosa gelada.

Hoje, a Confraria se reúne para homenagear seu Presidente de Honra – o Armando – que está completando 52 outonos. (Livro de Ouro, 1987, p.18)

As relações entre o Armando e seus clientes ultrapassaram os limites do balcão onde ele servia sanduíche de pernil e bolinho de bacalhau. Fora do Bar, entre as várias homenagens prestadas ao comerciante, destacamos duas: na Câmara Municipal de Manaus e na Escola de Samba Reino Unido da Liberdade.

A Câmara Municipal de Manaus homenageou Armando em 15 de dezembro de 1998 com a comenda Adolpho Valle, como tributo de honra aos cidadãos que se destacaram na área cultural. A homenagem foi proposta pelo então vereador Francisco Praciano (PT) e obteve unanimidade dos outros integrantes da CMM. Na ocasião, o jornalista e professor da Universidade do Amazonas, Deocleciano Bentes de Souza, representou os frequentadores do Bar e falou em nome dos boêmios, artistas e políticos²¹, buscando inspiração no poeta português Fernando Pessoa:

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: navegar é preciso. Viver não é preciso. Assim é Armando, um verdadeiro argonauta a comandar veladores em tormentas agitadas em vendavais de cerveja. Nos anos de chumbo da ditadura, a mercearia Nossa Senhora de Nazaré, localizada no mais belo sítio histórico de Manaus, funcionava mesmo como mercearia e era o único espaço que tínhamos para discutir as mazelas que os militares faziam com o povo brasileiro. (CASTRO *et al*, 2005, p. 262).

²¹ Depoimento transcrito de reportagem publicada no jornal Amazonas em Tempo, edição de 16 de dezembro de 1998, redigida pelo jornalista Mario Adolfo Aryce de Castro.

Figura 20- Armando e a esposa Lourdes como destaques da Escola de Samba Unidos da Liberdade.



Fonte: Arquivo “Livro de Ouro”.

No Carnaval de 2012, a BICA não saiu às ruas em respeito ao estado de saúde de Armando. Em 10 de abril daquele ano, o dono do Bar faleceu. Uma placa de LUTO foi afixada na porta do Bar mais tradicional da cidade e, de acordo com os herdeiros do Armando, não havia data para a reabertura do lugar. Entre as manifestações dos antigos frequentadores, destacamos um texto do professor Ribamar Bessa Freire, transformado em *banner* que hoje faz parte da decoração do Bar do Armando:

Mecenas da boemia que trabalhava duro, de sol a sol, para que os outros pudessem se divertir. É que o Bar do Armando, frequentado pelos boêmios da cidade e por turistas nacionais e estrangeiros, abriga uma das bandas mais tradicionais do carnaval manauara, a Banda Independente da Confraria do Armando, a famosa BICA, que todos os anos coloca alguns políticos na berlinda, com muito humor e senso crítico.

Após a morte do Armando, surgiu a informação de que o Bar iria encerrar suas atividades, não pela perda de seu patrono, mas porque o imóvel deveria ser devolvido aos proprietários. A Igreja Católica deu início a uma ação judicial requerendo o encerramento do contrato realizado há mais de 50 anos.

ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. A essa porção imaterial da herança cultural dos povos, dá-se o nome de patrimônio cultural imaterial ou intangível. (Portal unesco.org. Acesso em 2017)

De acordo com as considerações básicas do Instituto Nacional de Patrimônio Histórico Nacional o patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo. A ideia de patrimônio não está limitada apenas ao conjunto de bens materiais de uma comunidade ou população, mas também se estende a tudo aquilo que é considerado valioso pelas pessoas, mesmo que isso não tenha valor para outros grupos sociais ou valor de mercado. Na mesma publicação, Brayner aponta:

Somente quando se sente parte integrante de uma cidade ou de uma comunidade é que o cidadão dá valor às suas referências culturais. Essas referências são chamadas de bens culturais e podem ser de natureza material ou imaterial. Os bens culturais materiais (também chamados de tangíveis) são paisagens naturais, objetos, edifícios, monumentos e documentos. Os bens culturais imateriais estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas, aos modos de ser das pessoas (BRAYNER, 2007, p. 16).

A Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, define o Patrimônio Cultural Imaterial como “... bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. As iniciativas preservacionistas são voltadas, em primeira análise, para salvaguardar bens que assegurem a memória e a identidade de grupos. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) esclarece que os bens culturais imateriais estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas, aos modos de ser das pessoas. Dentro do Iphan, o Departamento do Patrimônio Imaterial, como já diz seu próprio nome, cuida da preservação dos bens culturais de natureza imaterial. Na preservação deste tipo de bem cultural importa cuidar dos processos e práticas, valorizar os saberes e os conhecimentos das pessoas.

As propostas de salvaguarda do patrimônio imaterial começaram a ser efetivadas a partir do ano 2000 com a criação de um instrumento legal para a preservação desse patrimônio: Registro de bens culturais de natureza imaterial. Além desse documento, foi criado o Programa do Patrimônio Imaterial por meio do Decreto Federal nº 3.551/00. O Portal do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) esclarece:

A salvaguarda considera os modos de vida e representações de mundo de coletividades humanas e o princípio do relativismo cultural de respeito às diferentes configurações culturais e aos valores e referências, que devem ser compreendidos a partir de seus contextos. Por outro lado, também é pautada no reconhecimento da

dos alimentos. A entrega de duas toneladas de gêneros alimentícios ocorreu no dia 11 de fevereiro de 1994, de acordo com várias reportagens publicadas.

A convivência entre biqueiros e igreja está diretamente ligada às histórias do Bar do Armando, lugar onde se concretiza, na prática, segundo o poeta, a dinâmica do sagrado *versus* profano. Em 1998, Simão Pessoa considerou que o Bar é a tradução perfeita daqueles mistérios gozosos tacitamente equilibrados entre o sagrado e o profano. E considerou:

De março a novembro o bar se transforma em ponto de encontro permanente de boêmios, escritores, poetas, músicos e artistas plásticos, servindo como palco de manifestações culturais. De novembro a fevereiro ele se entrega às luxúrias implícitas do reinado de Momo onde as marchinhas carnavalescas e as tentações da carne sepultam qualquer possibilidade de conversa mais ou menos séria. (PESSOA, 2015, p.89)

No Carnaval de 2018, registramos um novo momento de aproximação entre os vizinhos. A foto registra um homem que acreditamos ser ligado à igreja, fazendo a cobrança de dois reais para quem quisesse usar o banheiro da Igreja, no dia da apresentação da Banda da BICA. Os religiosos demonstraram que estavam transformando uma situação difícil para eles em oportunidade de negócio.

Figura 22 - Seminarista controla acesso de “biqueiros” ao banheiro da Igreja de São Sebastião.



Fonte: Arquivo pessoal (Fevereiro 2018).

CAPÍTULO 3 – PESSOAS E MOVIMENTOS

Figura 23 - Lançamento do tabloide Candiru



Fonte: Livro de Ouro

No início dos anos 80, o Bar do Armando era o ponto de encontro de um grupo de pessoas que se reunia para beber cerveja e analisar fatos sociais e, principalmente, políticos que envolviam personalidades do cenário local e nacional. As críticas bem-humoradas eram propagadas em forma de música, poesia e reportagem. Naquelas mesas, os redatores do irreverente tabloide “O Candiru – O jornal de maior penetração do Amazonas” discutiam as pautas e os temas que seriam transformados em notícia. No Armando, também funcionou o setor de criação do Coletivo Gens da Selva, movimento que promoveu lançamentos de livros e *shows* musicais de artistas locais. Foi ainda o berço da atividade que até hoje persiste e sustenta a fama do lugar: o carnaval da Banda Independente da Confraria do Armando (BICA).

Aqueles discursos e atitudes que, num primeiro momento, pareciam sem sentido e com a intenção de somente provocar o riso, eram a maneira de alcançar o público e, assim, dar visibilidade aos movimentos produzidos pelo grupo de frequentadores.

Figura 24 - Jornal O Candiru Número 0



Fonte: Simão Pessoa - Arquivo pessoal

A versão tabloide do Candiru se resumiu a quatro edições com publicação estranhamente esporádica. A primeira edição circulou em 1986 com tiragem de dois mil exemplares. Nove anos depois, em 1º de maio de 1995, foi publicado o segundo número. A

terceira edição foi distribuída no mesmo ano, no dia 13 de abril. Dois anos mais tarde, em outubro de 1997, o quarto número foi publicado. Nesta edição, o Candiru era vendido ao preço de R\$2,00 (dois reais) e podia ser encontrado não só no Armando como também em outros bares de Manaus²⁵.

Desde o primeiro número, o poeta Simão Pessoa e o jornalista Mário Adolfo se identificaram como editores. A redação era formada por colaboradores como o jornalista Aldísio Filgueiras, o psiquiatra Rogelio Casado, Engels Medeiros, Sergio Figueiredo, José Ribamar Mitoso e Sergio Figueiredo Jr. O poeta Simão Pessoa (2018) definiu o estilo (ou linha editorial) do jornal como “humorismo verdade e jornalismo mentira”.

No Amazonas, após o fim do período da ditadura, o Candiru era pioneiro a navegar no segmento editorial dos jornais independentes, com a linha humorística. O período político no Brasil dava mostras de que era possível lançar novas modalidades na imprensa, além do convencional. A lógica era que esses veículos de comunicação poderiam contribuir para a formação de uma consciência crítica da sociedade.

Os editores optaram por adotar o humor e a ironia desde as manchetes da primeira página até a nota final, o Expediente. Na última edição do Candiru, esse espaço do jornal é intitulado de “Meio-Expediente” e informa a proposta da publicação:

Esta é uma obra de ficção, humor e realismo fantástico. Qualquer semelhança com pessoas vivas, mortas, mortas-vivas ou escondidas do fisco, não passa de paranoia. Doações, pedidos de resposta, cheques ao portador, cartas-bomba e críticas desconstrutivas devem ser enviadas para a Caixa Postal 3090- Agência Central – Manaus – AM. A Redação se reserva no direito de mandar os desafortados para a puta que os pariu. (O Candiru, 1997, p.16)

O lançamento do Candiru (Ano I, Número Zero) ocorreu em julho de 1986. A primeira edição com dois mil exemplares foi esgotada em um mês. A equipe editorial era formada por frequentadores do Bar do Armando: Mário Adolfo, Jorge Estevão e outros que, segundo informação do também editor Simão Pessoa, “tinham medo de assumir a função”. Colaboradores: Aldísio Filgueiras, Joaquim Marinho, Antônio Paulo Graça, Bosco Ladislau, Inácio Oliveira, Francisco Pacífico, Arnaldo Garcez e Simone Beauvoir (sic).

No *Amor de Bica*, os autores lembram que a única coisa séria do jornal era uma entrevista de quatro páginas com o jornalista Octávio Ribeiro, o “Pena Branca”, a última, antes de morrer. Conta o poeta Simão Pessoa que no dia do lançamento, no Bar do Armando,

²⁵ Coração Blue, Ury’s Bar, Bar 5 Estrelas, Mureru Flet’s Show, Paradiso Bar, Chopp Mania, Bar do Caldinho, Bar São Marcos, Cantina Sílvia Mancini, Espaço Livre, Galo’s Bar Academia, Signo’s Pizzaria, V8 Beer Grill, Peixaria Moronguetá, Bar Opção, Bar Consciente, Open Bar e Peixaria Tucunaré.

o poeta Aldísio Filgueiras, responsável pela apresentação do tabloide, lançou literalmente um exemplar para cima que terminou enroscando no ventilador de teto do Bar. O Armando teria irritado com o prejuízo. Mesmo assim, contam os autores, a farra durou até às cinco da manhã do dia seguinte.

De acordo com Mario Adolfo, o Candiru foi inspirado no *fanzine* de humor “Casseta Popular” (paródia à Gazeta), distribuído na Universidade Federal do Rio de Janeiro no final da década de 70, editado por alunos Beto Silva, Helio de la Peña e Marcelo Madureira, do curso de Engenharia. Em 1984, o *fanzine* se transformou no tabloide “Planeta Diário”, lançado em dezembro de 1984 que, desde seu primeiro número, conquistou distribuição nacional. O tabloide era vendido em bares, praias e na noite do Rio de Janeiro e conquistava o público pelos textos de humor, uso de palavrões e abordagens irônicas, em duplo sentido, relacionadas à sexualidade e política.

O Candiru, em Manaus, adotou linha editorial semelhante à publicação dos cariocas. O tabloide amazonense se caracterizava pelo *layout* das capas com imagens de mulheres em trajes mínimos e manchetes que abordavam temas políticos com linguagem aparentemente *non sense*, como por exemplo: “Reforma com bigode, nem o diabo pode” para ironizar com o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA) iniciado em 1985.

Nesta frase, para compreender o efeito da ironia inserida no título, o leitor precisa fazer correlação com outras leituras. A manchete faz uma referência ao antigo ditado “mulher de bigode, nem o diabo pode”, quando era necessário referir-se a mulheres que desafiavam a autoridade masculina e, por isso, supostamente possuíam pelos na face que as tornava tão ameaçadoras a ponto de superar o “diabo”. Na manchete do Candiru, acreditamos que as palavras “bigode” e “reforma” fazem referência ao presidente da República da época, José Sarney, e responsável pela implantação da reforma agrária que no Norte do país agravou conflitos pela posse da terra.

O humor político, um dos campos mais produtivos da produção humorística, utilizado com frequência nas edições do Candiru, possui temas factuais e explora dados específicos de determinados políticos envolvidos em temas particulares de etapas da história pelas quais um país ou um governo atravessam. Portanto, alerta Possenti (2000) para o fato de que o risível no passado tende a perder o efeito na atualidade.

Além da crítica política, o Candiru explorava, com destaque, piadas comportamentais e sexistas, com frases grosseiras e chulas. Na quarta edição, (Figura 27) a imagem de uma moça ocupa aproximadamente 30 por cento da página com o seguinte texto:

O nome dela é Margô Losa e trata-se do nosso contato publicitário. Caso sua empresa – ou você mesmo – queira anunciar no Candiru, basta ligar para Margô, marcar um jantar, detonar algumas doses de whisky, massacrar os pés dela por baixo da mesa e depois discutir arte conceitual a madrugada adentro (...).

Esse discurso publicado pelos editores do Candiru era uma flagrante demonstração do humor politicamente incorreto **acrítico** classificado por Gruda (2015). O autor acrescenta que os produtores desse tipo de discurso geralmente reivindicam a liberdade de, por exemplo, citar os negros como “macacos”, os homossexuais como “bichonas” e externar opiniões preconceituosas e classistas sobre mulheres, pessoas pobres, alegando que “tudo não passa de brincadeira”. Essa situação nos remete à lembrança de uma entrevista concedida pelo Trapalhão Didi à Revista *Playboy*, em 2015, quando se referiu aos programas de humor da década de 80. Ele assegurou que “naquela época, essas classes dos feios, dos negros, dos homossexuais, não se ofendiam. Elas sabiam que não era pra atingir, para sacanear”.

No entanto, defendemos que esse tipo de discurso, em qualquer época, reforça desigualdades sociais e criticá-los não representa censura ou uma tentativa de impor o estilo oposto, o humor politicamente correto descrito por Gruda (2015) como uma forma exagerada de regular a linguagem, pensamento e as condutas, ou como algo necessário para promover normatizações na esfera pública. A rigor, na atualidade, este tipo de publicação tem sido banida da mídia pelo seu caráter sexista, misógino e ofensivo à mulher.

Figura 25 -Capa do segundo número do Candiru, editado em abril de 1995.



Figura 26 - Número 3 do Candiru, editado em maio de 1995.



Figura 27- Número 4 do Candiru, editado em 1997.



Fonte: Arquivo pessoal-Simão Pessoa

Já Possenti (2000) e sua orientação sobre a análise do humor, no capítulo *“Isto é engraçado?”*, conduz-nos ao ponto de vista estritamente textual para interpretar que o enunciado irônico utiliza-se da ambiguidade para apresentar a suposta funcionária do jornal como mulher disponível para uma noite de prazeres (jantar, bebida etc).

Na mesma capa, o jornal traz como manchete uma reportagem “investigativa” e “exclusiva” referente à denúncia do empresário Fernando Bonfim disposto a revelar gravações em fitas cassete com denúncias contra o governador daquele período (1997), Amazonino Mendes. Só que as tais fitas não apareciam, muito menos seus conteúdos teriam sido revelados. Os veículos de comunicação convencionais da época deram destaque ao mesmo assunto que ganhou repercussão nacional. Na versão do Candiru, o texto refere-se que

Foram necessários mais de dois meses de puro jornalismo investigativo para chegarmos às novas fitas. Primeiro, espalharam que o camelô que contrabandeava as fitas estava desaparecido porque andou traindo os amigos de infância. Em seguida, a repórter do Candiru, que adora uma fofoca, quase entra numa arapuca ao seguir uma pista errada. (...) A fitas do Bonfim (...) estavam desaparecidas, mas já podiam ser encontradas em Manaus em um shopping da zona sul (...). Aquelas fitinhas que viado gosta de amarrar no pulso. (Candiru, ed. 4. 1997, p.3)

A informação é ilustrada com o empresário em uma foto montagem com várias fitas do Nosso Senhor do Bonfim (uma das lembranças da Bahia) nas mãos. O texto irônico, com

diálogos aparentemente sem sentido, revela sem subterfúgios o nome do então deputado Eron Bezerra (PC do B/AM) como, segundo a repórter Malu Mala – “a cunhã-piranha do Candiru” – a pessoa que possuía as provas contra a autoridade.

A reportagem da edição 4 (e última) do Candiru é um exemplo do padrão de discurso adotado pelo tabloide em todas as fases de circulação e uma comprovação de que nem sempre o humor é imediatamente digerido e compreendido. Para apreender as referências citadas nos textos irônicos era necessário que o leitor o relacionasse com outro conteúdo que iria esclarecer – ou complementar – o assunto tratado no discurso humorístico e, assim, estabelecer o entendimento. Possenti (2000, p.27) destaca que nos mecanismos de análise do discurso há uma diferença importante entre compreender e interpretar, sem que isso signifique “postular que compreender seja decodificar, já que as piadas, operam com ambiguidades, sentidos indiretos e implícitos. Para compreender uma piada é necessário, de certa forma, mover-se no texto”.

O estilo de texto do Candiru antecedeu ao que Carmelino e Silveira identificaram na atualidade como um novo gênero comunicacional: *a desnotícia*. As linguistas pesquisaram reportagens publicadas na internet e, assim, criaram o neologismo para definir que

A finalidade discursiva da *desnotícia* é provocar riso. Para isso, não só desconstrói o fato noticiado anteriormente, substituindo, muitas vezes, objetos de discurso tratados nas notícias e alterando informações sobre eles, como também retrabalha o estilo do texto-fonte a partir da substituição, do acréscimo e da supressão de dados. Fato este responsável pela construção do efeito de sentido humorístico. Nesse sentido, a *desnotícia* consiste em um novo gênero, que emerge no meio digital. (CARMELINO e SILVEIRA, 2013, p. 250)

Convém aqui salientar que, para ser compreendida, qualquer *desnotícia* mobiliza uma série de conhecimentos prévios por parte do leitor, assim como Possenti orientou sobre a necessidade de mover-se no texto, buscando outras fontes de informação para compreender o fato que está sendo divulgado, mesmo apresentando-se como humorístico.

Apresentamos, assim, a reportagem em estilo convencional sobre o caso das fitas publicada em um jornal impresso de circulação nacional, para efeito de comparação entre notícia e *desnotícia*.

Figura 28 – Trecho da notícia sobre o "caso das fitas", publicada no jornal A Folha de S. Paulo (1997).

FOLHA DE S. PAULO **brasil**
São Paulo, quarta, 4 de junho de 1997.

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

AMAZONAS
Tucano afirma que recebeu denúncia contra o governador
Deputado diz que fita pode comprometer Amazonino

ARI CIPOLA
da Agência **Folha**, em Manaus

O deputado federal Luiz Fernando Nicolau (PSDB-AM) afirmou ontem que o empresário Fernando Bonfim disse a ele que possui uma fita cassete na qual o governador Amazonino Mendes (PFL) confirma ter recebido 40% de propina na compra de 13 geradores de energia elétrica. Bonfim diz ter sido testa-de-ferro do governador. Nicolau, que falou à Agência **Folha** de Brasília, por telefone, afirmou que Bonfim lhe disse ainda que enviou cópias das gravações, por Sedex, para os presidentes da República, Fernando Henrique Cardoso, e do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). O deputado disse não ter ouvido a fita nem saber onde está

Fonte: Portal folha.com.br. Acesso em 24.08.2018

O editor Mario Adolfo afirma que o humor do Candiru e suas interpretações lhe renderam três processos e uma condenação por conta dos comentários irônicos direcionados a um representante do poder judiciário de Manaus. A justiça condenou o jornalista a escrever uma carta de desculpas. Essa e outras experiências resultaram em reflexões para o jornalista.

Em outro processo fui absolvido por uma juíza que, na sentença, concluiu que minha condenação seria um ato de repressão à verve do humor do povo brasileiro. Assim, fui absolvido. Esses fatos revelaram, em minha opinião, que falta bom humor ao amazonense. Muita gente não sabe transformar a realidade em uma versão bem humorada. Assim fazíamos com os fatos políticos e do dia a dia, mas nem todos entendiam. (ADOLFO, 2018)

Após o fim da versão impressa, o Candiru migrou para duas mídias: a primeira, como coluna dominical no jornal Amazonas em Tempo, durou quatro anos assinada pelo jornalista Mario Adolfo Aryce de Castro, um dos criadores da versão tabloide. Atualmente “O Candiru – O Portal de maior penetração do Amazonas” também pode ser acessado por meio digital, no sítio <http://candiru.com.br/> e no [facebook.com/candiru.am](https://www.facebook.com/candiru.am). As duas mídias digitais são alimentadas pelo poeta Simão Pessoa.

A produção do Candiru ocorreu paralela à criação de outro movimento originado dentro do Bar: o Coletivo Gens da Selva.

Figura 29 - Integrantes do Coletivo Gens da Selva



Fonte: Livro de Ouro da BICA.

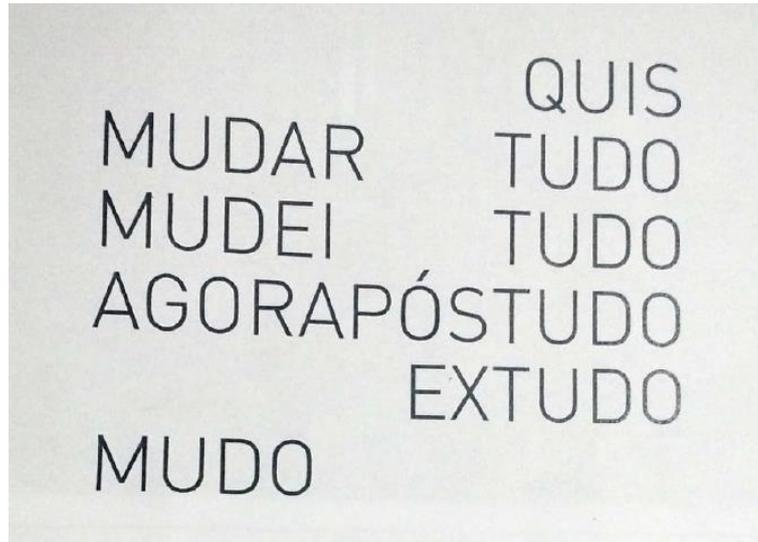
Um dos fundadores do Coletivo, o poeta Simão Pessoa, conta que no final dos anos 70 um grupo formado por pessoas envolvidas com o movimento de poesia alternativa²⁶ (também chamada de poesia marginal) teve a ideia de fundar o Gens. Mas, somente em 1987, Simão Pessoa, Arnaldo Garcez, Aníbal Beça, Narciso Lobo, Antônio Paulo Graça, Mário Adolfo, Manuel Galvão, Rui Sá Chaves, João Bosco Ladislau e Almir Graça fundaram o movimento Gens da Selva, uma entidade cultural sem fins lucrativos, com sede provisória no Bar do Armando.

“O nome do coletivo fazia uma brincadeira eufônica com o famoso Jim das Selvas, herói dos quadrinhos desenhado pelo badalado Alexandre (Alex) Raymond, o mesmo que lançou Flash Gordon. Ao mesmo tempo, trazia como pedra de toque o substantivo *gens* (“pessoas”, em francês), reafirmando nossas raízes caboclas e nosso cosmopolitismo cultural”, explica Simão (2018).

Os integrantes do “Gens” buscavam ser vanguardistas em atitudes e em produção cultural. Acompanhavam os movimentos literários que na década de 80 começavam a sair dos guetos. O poema concreto de Augusto de Campos *Pós-Tudo*, publicado em janeiro de 1985 no Caderno Folhetim da Folha de S.Paulo, serviu de inspiração para o poeta amazonense Jorge Palheta, um dos frequentadores do Bar que dedicou uma versão da poesia concreta para o Bar do Armando.

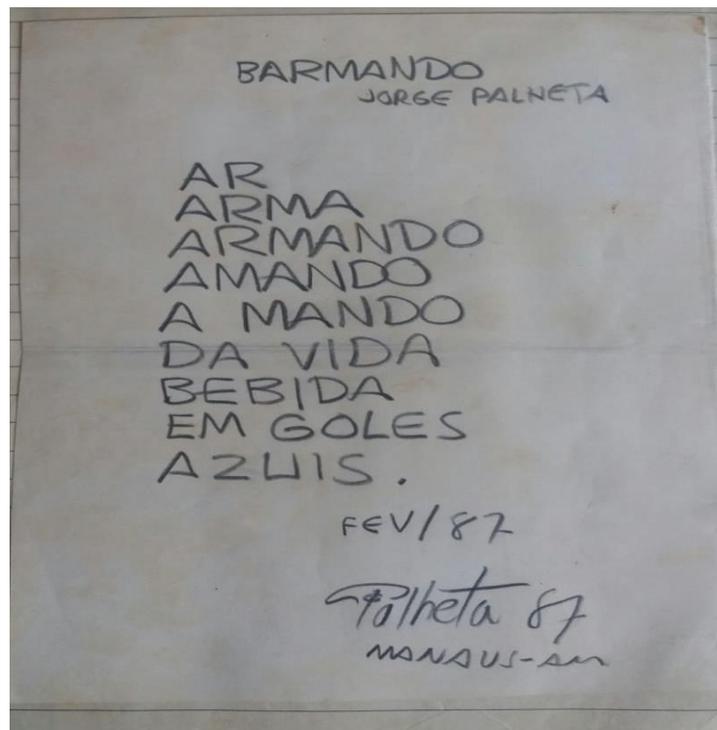
²⁶ Estilo que dominou o final dos anos 70 marcado pelo comportamento inconformista do poeta em relação à sociedade e às normas oficiais de produção e divulgação de poesia.

Figura 30 - Poema "Pós-tudo", Augusto de Campos (1984).



Fonte: Ridenti, M. (2014, p.277)

Figura 31 - Poema para o Bar do Armando, de Jorge Palheta (1987).



Fonte: Livro de Ouro (página 22)

O Coletivo Gens da Selva foi a primeira entidade cultural do Amazonas habilitada a fazer captação de recursos junto à iniciativa privada com os benefícios da Lei Sarney, graças ao registro definitivo concedido pelo Ministério da Cultura. Nos anos 90, o Coletivo Gens da Selva ficou mais focado na edição de livros de poesia, jornais, *fanzines* e recitais poéticos, deixando de lado a parte musical, mas sempre tendo como base logística o Bar do Armando.

O Fingidor (12 números, de maio de 1993 a dezembro de 1995). Editor: Zemaria Pinto. Estilo: Literatura e poesia. Formato: A4 dobrado ao meio, 12 páginas. Impresso em off set. Tiragem: 700 exemplares. Distribuição: 100 exemplares no Bar do Armando e os demais enviados pelo correio para a RAP (Rede Alternativa de Poesia).

Livros:

Antologia VersiProsa (1993) – Carlos Araújo, Inácio Oliveira, Jersey Nazareno, Anibal Beça, Carlos Frederico, Marcus Figueiras e Almir Graça.

Antologia Poetatu I (1994) – Carlos Araújo, Marco Gomes, Inácio Oliveira, Marco Castro, Durango Duarte e Simão Pessoa.

Antologia Poetatu II (1995) – Carlos Araújo, Marco Gomes, Inácio Oliveira, Anibal Beça, Anísio Melo e Simão Pessoa.

Antologia Poetatu (III) – Carlos Araújo, Marco Gomes, Inácio Oliveira, Arnaldo Garcez, Luiz Bacellar e Simão Pessoa.

Amor de BICA (2004) – Simão Pessoa, Mário Adolfo, Orlando Farias e Marco Gomes.

Amor de BICA – Edição Revisada (2005) – Simão Pessoa, Mário Adolfo, Orlando Farias e Marco Gomes.

Autores/ Obras:

Arnaldo Garcez – “O Lado Vermelho do Azul” (1994), “O Ai do Samurai” (1996) e “A Cor da Palavra Primária” (1996)

Almir Graça – “Poexílio” (1993)

Engels Medeiros – “Fome do Tempo” (1997)

Marcos Castro – “Achados & Perdidos” (1998)

Inácio Oliveira – “Cicatrices” (1995)

Marcus Figueiras – “Caixa de Memórias” (2000)

João Rodrigues – “Erotics” (2006)

Assembleia Legislativa do Amazonas ao Bar do Armando não havia sido encaminhado ao Conselho Municipal de Cultura até o dia 21 de setembro de 2018.

O Bar do Armando necessita de medidas que assegurem sua condição como patrimônio cultural para a salvaguarda de suas memórias. Afinal, é inegável constatar que a história política do estado do Amazonas tem representatividade naquele lugar. A ironia e o humor são instrumentos que podem apresentar, de forma transversal, pontos de vista diferentes aos relatos a que estamos habituados.

As memórias ali cristalizadas contribuem para inserir o Bar do Armando ao que Nora (1984, p.12) identificou como *Lugar de Memória*. É imprescindível criar mecanismos para refugiar as memórias concebidas nesse lugar, antes que a história convencional se apodere delas para deformá-las, sufocá-las e, assim, só nos restaria o questionamento: vamos rir de quê, Manaus?

ANEXOS

- 1- Texto Aldísio Filgueiras.**
- 2- Comunicado Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.**
- 3- Publicação Diário Oficial do Estado.**